

REVISTA DA SEMANA

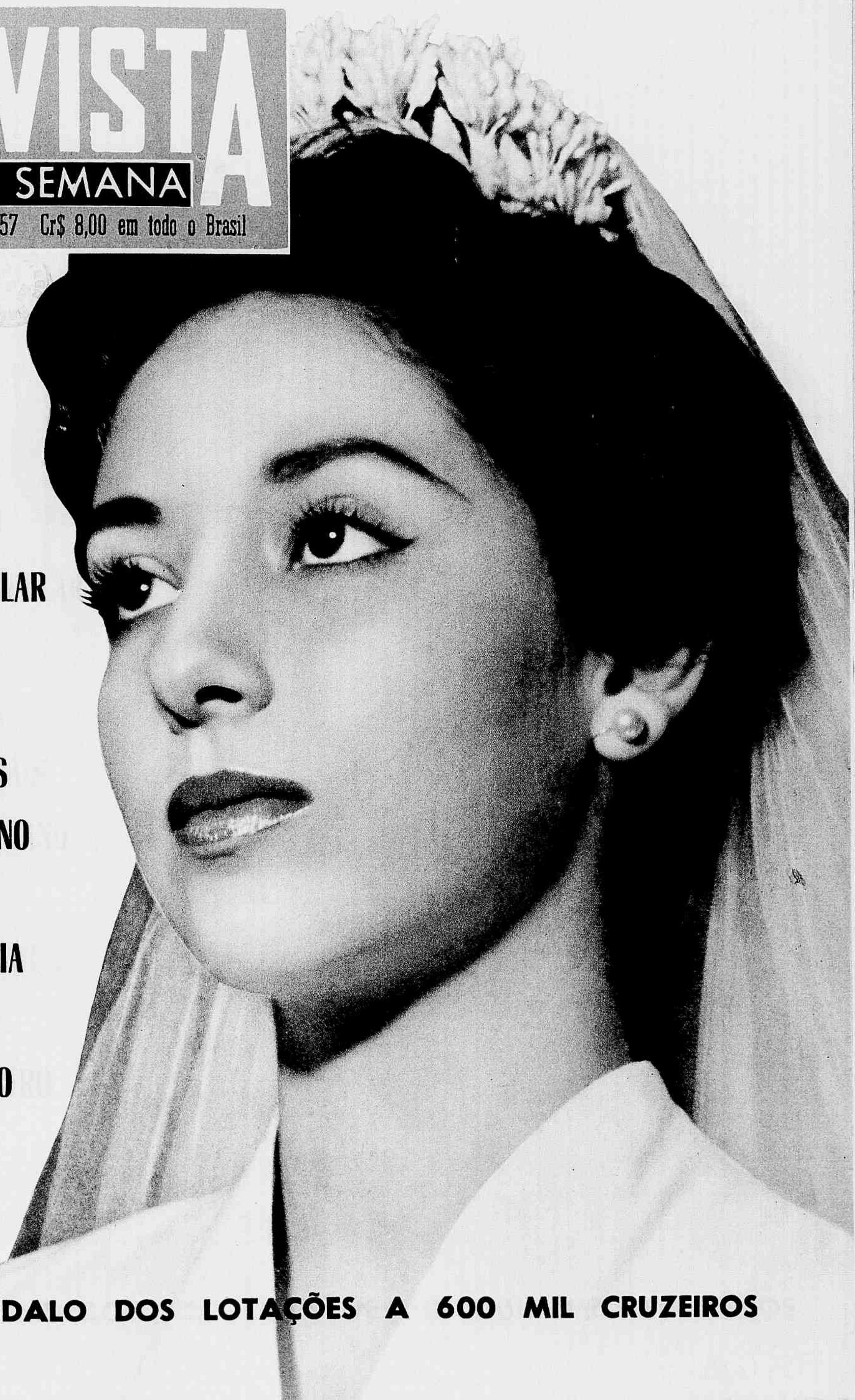
N. 26 29-6-57 Cr\$ 8,00 em todo o Brasil

**PODRIDÃO
MINANDO A
MÚSICA POPULAR**

**LEA PENNA
A NOIVA MAIS
BONITA DO ANO**

**GUSTAVO DÓRIA
FALA
SÔBRE TEATRO**

O ESCÂNDALO DOS LOTAÇÕES A 600 MIL CRUZEIROS



A RAINHA DO RÁDIO por todos aplaudida...
E O REI DOS SABONETES, por todos preferido

AUDIÇÕES

CINTA
AZUL

RIO:

MAYRINK VEIGA

S. PAULO:

EXCELSIOR
NACIONAL
CULTURA



CARLOS PEREIRA INDÚSTRIAS QUÍMICAS S. A.

RIO DE JANEIRO
Rua Dr. Rodrigues de Santana, 31

SÃO PAULO
Rua do Carmo, 31 — Sala 505



DIRETOR

Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Homens que podem alcançar o Catete ...	4/ 9
O escândalo dos lotações	10/13
Craveiro planta uma árvore	19/21
Os Lusíadas	22/25
Lea Penna: A noiva mais bonita do ano	30/35
Gustavo Dória aponta erros	41/43
Miss Distrito Federal	56/59

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 400,00
Seis meses	Cr\$ 200,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 650,00
Seis meses	Cr\$ 325,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 800,00
Seis meses	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 8,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 9,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Diagramação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores ..	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



♦ CAPA — Mirian Percia, uma das mais promissoras revelações do teatro brasileiro. Trabalha também na televisão. Vejam reportagem (com fotos de Alberto Ferreira) a págs. 30 e seguintes.

BALÕES

● Leio todos os anos a proibição do Serviço Florestal — com o qual estou plenamente de acordo, tanto amo as árvores, tanto respeito e admiro as florestas — : "É proibido soltar balões. Mas como não desejá-los neste mês de junho que ora chega ao fim com seus santos fazendo casamentos, dando ensejos a parentescos, prometendo futuros, outros ainda tendo para saudá-los, apenas as bombas terríveis? É proibido soltar balões nesta cidade e nas outras também grandes, solenes. Apenas as pequeninas cidades do interior, as vilazinhas perdidas no mapa, os municípios pobres, apenas os lugarejos modestos têm hoje o direito de soltar balões. Não os invejo, se bem que não esqueça a minha meninice quando junho chegava e do quintal da casa grande de meu pai eles subiam em papel de seda de muitas cores, tremendo no início da partida, vacilando no começo da viagem e depois subindo, subindo para cair logo depois, porque não foi nunca, não é jamais duradoura a vida de um balão; pelo menos é o que minha memória pode afirmar.

● Nunca vi um balão chegar muito alto, o que não impede que eu considere de grande beleza seu alçar de vôo, pobre balão de papel de seda. Lembro na minha terra a corrida dos garotos para apanhá-lo, lembro as vozes cantando o "cai, cai balão", e naquelas correrias loucas, quando alguém conseguia segurá-lo, o que recebia era um pobre mulambo se desfazendo em fumaça. "Menino! cuidado que queimas a mão!" Sempre havia uma voz mais forte e pausada, dando conselhos...

Os balões também são símbolos; podemos encontrá-los em várias páginas de boa ou má literatura, comparados a sonhos, quimeras, até mesmo a vidas. Mas dêesses não gosto muito nem jamais os senti. Quem quiser que os cultive. Do que gosto mesmo é de vê-los começar a partida. Sei que vão durar pouco, que são demasiado frágeis para viagens aéreas, mas gosto de vê-los tão tímidos, tão medrosos como se tivessem medo do ar que os sopra, como se temessem o encontro com pássaros ou até mesmo o choque com possantíssimos aviões.

● S. João tão amado não os recebe mais em sua noite; são proibidos o que é mais justo. Poderiam até queimar S. João, coitadinho. Quando o Batista agora quer ter balões, tem que ir procurá-los em lugares muito distantes, em vilas, municípios, cidades bem pobres, porque balões hoje só para localidades atrasadas. O que é uma pena. São João com certeza gostaria de guardá-los, um a um em seu regaço. Fico olhando o passado e pensando: e as sortes de São João, ainda alguém acreditará nelas? Quem as faz até hoje leva aquela pureza de nossos avós julgando ver na gema de ovo derramada ou nos pingos da vela, uma visão, um perfil, uma cabeça, um sonho de futuro? Não creio; até os de minha geração já tiravam sortes de S. João achando uma bruta graça...

S. Antônio — segundo leio nos jornais — este ano realizou pouquíssimos casamentos. S. Pedro êsse nunca foi de fazer grandes atos a não ser guardar a porta do céu onde não entraremos com certeza. Que fazer então? Chorar não, ter saudades do passado também não, ficar chorando lamúrias porque tudo muda, também não. Que fazer então? Nada. Continuar vivendo de acordo com a época. Não soltando balões. Felizmente não é proibido sonhar.

ENEIDA



ADEMAR DE BARROS

● A vitória nas eleições para Prefeito de São Paulo, renovou-lhe o estoque de confiança nas suas próprias possibilidades. Mas a tarefa é dura. Teve quase dois milhões de votos em 1955. Perdeu ou ganhou terreno? Difícil saber. Tem ainda um grande teste pela frente que é a próxima disputa pelo governo paulista. Será candidato, tão certo quanto dois e dois são quatro. Com a Prefeitura paulista falida (igualzinha à do Rio), não lhe resta outro recurso senão lançar-se nessa verdadeira aventura eleitoral. Ficar

mais dois anos como Prefeito de São Paulo (sem dinheiro para nada) equivale a um suicídio político. E do Sr. Ademar de Barros já disseram tudo, menos que não tem habilidade política. São Paulo vai fechar a questão: um paulista para o Catete no próximo período. E não há dúvida que esse movimento vai beneficiar o Sr. Ademar de Barros, o mais antigo e indiscutivelmente o mais popular dos candidatos paulistas.

Mauro Braga relaciona:



OS HOMENS QUE PODEM ALCANÇAR O CATETE

QUEM SERÁ O SUCESSOR DE JUSCELINO? ★ O SR. ADEMAR DE BARROS É O MAIS ANTIGO DOS PRETENDENTES E O SR. JOÃO GOULART O MAIS NOVO ★ JANIO QUADROS JÁ NÃO É A VEDETE QUE ERA QUANDO CHEGOU AO GOVERNO DE S. PAULO ★ JURACI MAGALHÃES: CHARME, TENENTISMO, GETULISMO E UMA REPUTAÇÃO ILIBADA DE ADMINISTRADOR E DE HOMEM PÚBLICO ★ AMARAL PEIXOTO ESPERA QUE J. K. CUMPRA O PROMETIDO ★ BIAS FORTES FAZ MUITA FÉ NA PACIFICAÇÃO ★ NEGRÃO DE LIMA PODERIA VIR A SER UM CANDIDATO FORTE NO CASO DE SER APOIADO POR JUSCELINO ★ ATÉ ONDE IRAO AS CHANCES DO SR. CARLOS LACERDA ★ DESTA VEZ SÓ UM MILITAR DISPUTA A PREFERÊNCIA DOS PARTIDOS: O GEN. LOTT

FALTAM 3 anos para a eleição presidencial. Mas o problema já começa a ser agitado, posições vão sendo tomadas, muitas atitudes que parecem disparatadas e contraditórias encontram explicação na corrida para o Catete. Na primeira e na segunda república o Presidente da República já tomava posse com uma única preocupação: fazer o seu sucessor. A revolução de 30 foi feita "para acabar com o privilégio odioso dos governantes escolherem seus sucessores". Veio depois o sr. Getúlio Vargas que enquanto enganava os outros dizendo que não tinha preferências, preparava a sua própria sucessão. E foi se eternizando no poder.

Com a chamada redemocratização e a eleição do sr. Dutra, pensou-se que a intervenção do Catete na escolha do sucessor estava resolvida. Que esperança. O sr. Dutra fez tudo para escolher quem lhe sucederia. E se fracassou, foi mais por falta de prestígio do que de vontade.

Há 3 anos da eleição, os candidatos já se alinham, se apressam, procuram seguir o exemplo do sr. Juscelino Kubitschek que como um bólido lançou-se contra tudo e contra todos.

Existem os candidatos **naturais**, os **eventuais** e os **potenciais**. Mas todos querem se transformar em candidatos **reais**.

Não quisemos dar a esta reportagem (como fazemos algumas vezes) um sentido de julgamento. Apresentamos pura e simplesmente os candidatos, suas credenciais eleitorais, suas chances e possibilidades. Não entramos no mérito das candidaturas. Isto fica para depois, quando (e se) elas se concretizarem. Por agora quisemos apenas alinhar para o leitor os homens que pretendem disputar a Presidência da República, os que almejam nos governar. Dificilmente conseguiremos escapar de um deles. E para alguns deles a palavra **escapar** é mais que uma coincidência. **Se** ajusta maravilhosamente ao julgamento popular.

NEGRÃO DE LIMA

● O Prefeito do Distrito Federal só tem uma chance: ser candidato de J. K. Ai então o seu inegável prestígio político aplainaria e removeria muitas dificuldades. Tem excelente penetração nas forças armadas, uma reputação nunca desmentida de honestidade, receptividade em todos os Partidos. E se conseguir do Presidente da República, o auxílio prometido para as grandes e inadiáveis obras do Distrito, ficará numa excelente posição. Caso contrário terá que deixar a Prefeitura e servir ao seu amigo J.K. em outro setor, mas sem maiores pretensões políticas. Na hora em que a guerra chegar ao auge e os nomes forem sendo queimados impietosamente, o Sr. Negrão de Lima poderá surgir com muita força. Tudo depende de saber com que disposições o Sr. J. K. enfrentará o problema e se chegará ao final do governo com prestígio para (impor) e eleger seu sucessor. Nesse caso, o sr. Negrão de Lima teria mais credenciais que quaisquer outros. Pois há 30 anos é amigo e correligionário do Presidente, e no momento goza de sua absoluta confiança e intimidade.



GENERAL LOTT

● Seguramente será o único militar a ser cogitado para o próximo período presidencial. Os homens da sua geração, ou morreram ou desapareceram da cena política. Só restou ele. Seu grande trunfo chama-se João Goulart. Mas para que o Vice-Presidente cumpra seus compromissos é preciso e indispensável que o General Lott mantenha seu prestígio de Chefe militar intacto e conserve o Ministério da Guerra. Se perder o Ministério, o General Lott terá perdido a guerra mesmo antes dela ter começado. E como sabe disso, faz tudo para conservá-lo. Sua fidelidade aos compromissos assumidos com o Sr. João Goulart tem sido comovante. Se chegar até as eleições forte e prestigiado e conseguir ser o candidato do PTB, o General Lott vai criar um grande problema para a maioria do PSD: com que forças se oporão a um candidato militar? Pois o forte do PSD não tem sido, até agora, a bravura e a coragem. E se for candidato ninguém tenha dúvidas de que o General Lott exercerá toda sorte de pressão contra pessoas, grupos ou partidos. Para ele, ser candidato é meio caminho andado. E nós também partilhemos dessa convicção.

AMARAL PEIXOTO

● O ex-governador do Estado do Rio pretende também o Catete. E como homem forte do PSD até que, politicamente, sua pretensão não é descabida. Há, mais ou menos assentado, um compromisso do Sr. Juscelino Kubitschek de fazer todo o possível para ajudar a candidatura Amaral. Mas até onde irá esse «todo o possível» é que ninguém sabe. Já no fim do ano, o Almirante estará por aqui e as coisas se esclarecerão. Mas para o PSD poucos candidatos seriam tão leves e tão fáceis de carregar quanto o Sr. Amaral Peixoto. E deixemos de rodízios: se o Sr. Juscelino Kubitschek chegou à Presidência da República por que o Sr. Amaral Peixoto não poderá chegar também? A candidatura Amaral, teria para o PSD, a vantagem de cindir o PTB, onde o genro do Sr. Getúlio Vargas tem grandes amigos e correligionários. Contra a sua candidatura se acirram também grandes ódios. Mas na certa, não mais que contra a candidatura Kubitschek.



CARLOS LACERDA

● O líder da UDN conseguiu rapidamente prestígio nacional, se transformou num homem conhecido realmente de ponta a ponta do país. É verdade que não tem penetração na massa operária, mas que penetração tinha, por exemplo, o Sr. Eurico Gaspar Dutra? Certo que as circunstâncias e os dados do problema são outros. Vai lutar com o Sr. Juraci Magalhães pela indicação da UDN e não o desprezem, pois é um homem terrível numa luta. Tem condições pessoais que nenhum candidato poderá sequer equilibrar. Se, vencendo as suas próprias contradições, se dispusesse a fazer carreira política, seria um caso muito sério. Caso haja eleição em 58, para Prefeito do Distrito, será candidato, menos por decisão sua do que do seu Partido. Pois onde a UDN arranjará por aqui um nome eleitoralmente mais forte que o seu? De qualquer maneira é um homem com um grande futuro político. Com mais 4 anos de idade que o Sr. João Goulart, suas vidas (e suas carreiras) têm se encontrado muitas vezes. E não será disparatado esperar que se encontrem mais uma vez na disputa da Presidência da República. Nesse ou no outro período.



BIAS FORTES

● Se o Sr. J. K. não fôsse mineiro o Sr. Bias Fortes seria um candidato forte. Mas suceder a um mineiro é muita pretensão para outro mineiro. Os títulos do Doutor Bias também não são muitos. Talvez mesmo seja o mais desconhecido dos que almejam chegar ao Catete. Mas não há dúvida que acertou no caminho escolhido: a pacificação. Pois suas reduzidas chances só assim se alargarão um pouco. O Sr. Bias Fortes só chegaria a assustar alguém, se num movimento que teria alguma coisa de milagroso, conseguisse unir o PSD em torno do seu nome. Aí então sim. Pois um homem que conseguisse dominar e unir o PSD, teria todo o direito e todas as razões para pretender a Presidência da República. Não foi esse o segredo de J. K.?



JÂNIO QUADROS

● O governador de São Paulo já foi a vedete da sucessão. Hoje a situação mudou muito. A UDN quase não quer mais nada com ele, o PTB e o PSD têm seus candidatos naturais. Além do mais, em 1958 S. Exa. deixará o governo e ficará dois anos desempregado. À espera das eleições presidenciais. Resistirá a tão longo período de ostracismo? A tradição brasileira diz que não. Perfeito demagogo, o Sr. Jânio Quadros deixa muito a desejar como administrador e principalmente como político. Suas atitudes são ridículas, monótonas, repetidas. Ninguém confia nele, não tem amigos, discípulos, seguidores. Seu fim será melancólico. E do jeito que estão as coisas, jamais alcançará o Catete.



JOÃO GOULART

● O mais moço dos chefes políticos de prestígio e também um dos mais hábeis. Vai fazendo uma carreira líquida e certa, derrotando todos os seus inimigos, com a mesma calma, o mesmo jeito imperturbável, o mesmo ar de quem não quer nada. Seu grande adversário chama-se General Lott. Pois tem um compromisso que até o momento está de pé, e não tem jeito de ser rompido, pois o General, sabeis, ostenta o título e as vantagens de Ministro da Guerra. E na tradição histórica brasileira, Ministro da Guerra significa homem forte, quase sempre com um pé na Praça da República e outro no Catete. O Sr. João Goulart espera que o tempo seja seu grande aliado. Aos amigos diz que ainda é cedo, que tendo menos de 40 anos, pode esperar, que ainda ficará na cena política brasileira pelo menos uns 25 anos. Outros dizem que será candidato, e que o primeiro passo (quase certo) será a disputa do governo do Rio Grande do Sul. De qualquer maneira, o Sr. João Goulart tem um futuro político certo e garantido: é chefe do PTB, um Partido apesar de tudo, em ascensão, e que tende, cada vez mais, a influir decisivamente nas lutas eleitorais.

JURACI MAGALHÃES

● Dificilmente a UDN fugirá da dupla Juraci-Carlos Lacerda. E, inegavelmente, dentro do Partido, o Coronel tem melhores condições que o líder na Câmara Federal. E se conseguir vencer a competição interna, não se iludam: será um candidato terrível. Tem mais charme pessoal que qualquer dos outros possíveis candidatos; tem a legenda do tenentismo que poderá ajudá-lo muito;

tirá votos do PTB explorando o fato de ter sido, através dos anos, amigo e colaborador do Sr. Getúlio Vargas; é um homem que depois de mais de 25 anos de vida pública nos cargos mais importantes continua pobre; tem um grande conceito como administrador.

Qual o candidato que poderá alinhar tantos títulos para oferecer ao eleitorado?



OS HOMENS QUE PODEM

ALCANÇAR O CATETE

O ESCÂNDALO DOS LOTAÇÕES



ACUSAÇÕES FEITAS DA TRIBUNA DA CÂMARA MUNICIPAL PELOS SRS. GLADSTONE CHAVES DE MELO, UDN E COUTO DE SOUZA, PSD * PANORAMA DA COMISSÃO DE INQUÉRITO: DOIS NOMES INDICADOS PELA OPOSIÇÃO E UM PELO PREFEITO * ISENÇÃO DO SR. NEGRÃO DE LIMA * O 1º SUPLENTE RUBEM CARDOSO E O INDUSTRIAL CAMPANÁRIO DEFENDEM-SE DE ACUSAÇÕES DE UM VESPERTINO * AS LINHAS CONCEDIDAS NA ATUAL ADMINISTRAÇÃO * RESPONDEM A UM MATUTINO DOIS TÉCNICOS DO GABINETE DO PREFEITO * DECLARAÇÕES DOS SRS. GLADSTONE, COUTO, THOMPSON NOGUEIRA E ALEXANDRE FONSECA

Reportagem de GILBERTO GUIMARÃES

Fotos de A. FERREIRA e V. VASCONCELOS

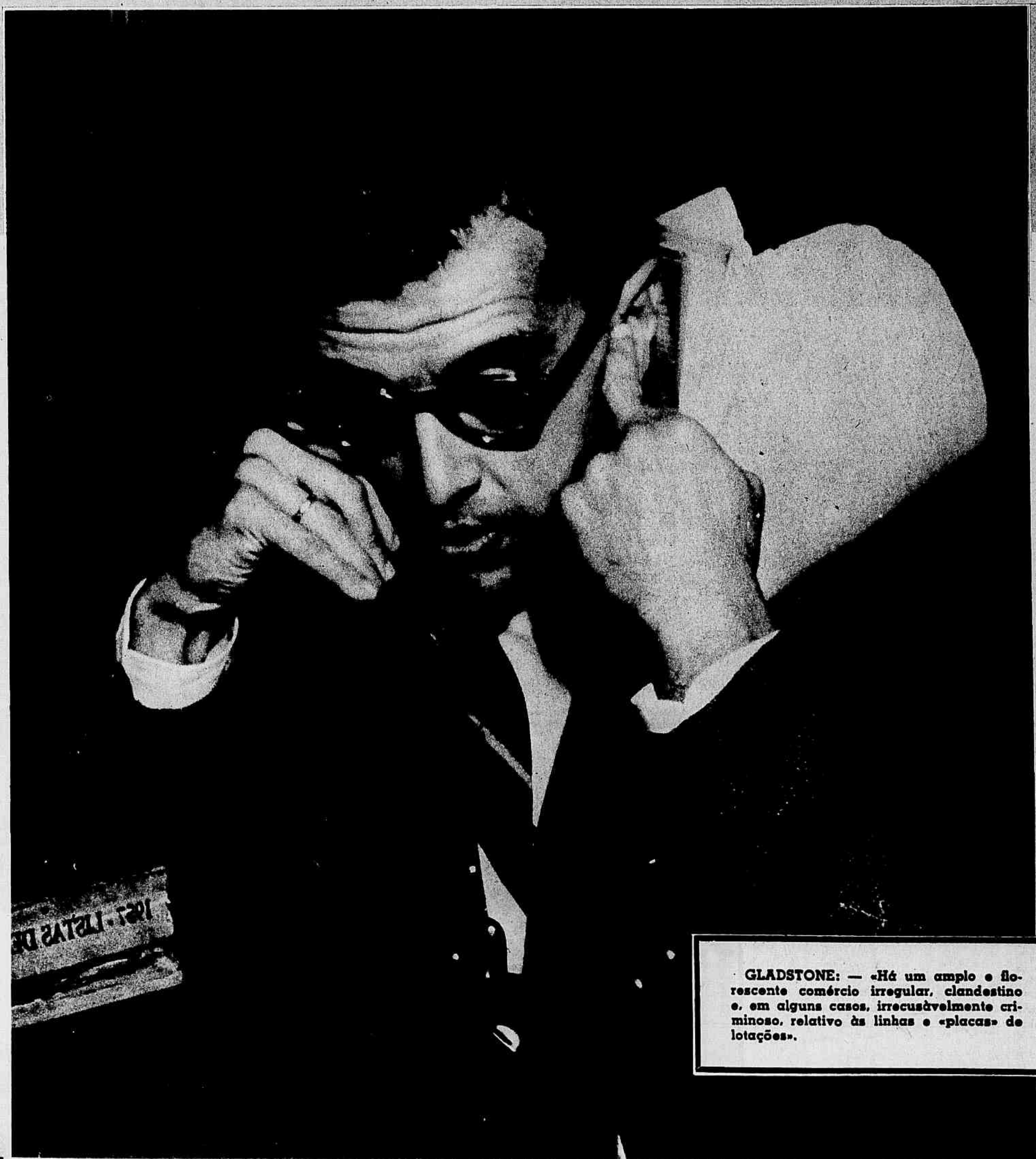
NOTA DA REDAÇÃO — Nesta reportagem contamos, pura e simplesmente, o que está acontecendo no chamado «escândalo dos lotações». Alinhamos os fatos sem nenhuma preocupação de culpar ou inocentar ninguém. A reportagem foi escrita no dia da primeira reunião da Comissão que vai apurar os fatos. Acompanharemos passo a passo o trabalho de esclarecimento e voltaremos ao assunto. Esperamos que os culpados (sejam quais forem) sejam punidos. Se isso não acontecer aqui estaremos para protestar, até com violência, se for o caso.

Foi, afinal, constituída a Comissão de Inquérito para apurar as acusações feitas da tribuna da Câmara Municipal, a respeito de graves irregularidades na concessão de linhas de lotações, pelos vereadores Gladstone Chaves de Melo e Couto de Souza, respectivamente, vice-líder da UDN e líder do PSD, naquela Casa Legislativa.

A demora na constituição desse órgão prendeu-se ao fato de várias pessoas indicadas pelo vereador udistista (sem aviso prévio) terem desistido de no mesmo figurar. Por isso, após várias indicações e desistências, conseguiu o Prefeito Negrão de Lima completar a Comissão, que ficou assim constituída: sr. José Emílio de Oliveira, Procurador Geral da Prefeitura, escolhido pelo Prefeito; Waldemar Paranhos de Mendonça e Carlos de Oliveira Freire. (já foi, por duas vezes, diretor do Departamento de Concessões) esses indicados pelo sr. Gladstone Chaves de Melo.

ISENÇÃO — Pela primeira vez na história administrativa do país viu-se um Chefe de Executivo, ante acusações de tamanha gravidade feita por parlamentar opositorista, mandar solicitar a esse que indicasse nomes para uma Comissão que iria apurar as suas graves acusações.

PREÇO DA LICENÇA: 600.000 CRUZEIROS



GLADSTONE: — «Há um amplo e florescente comércio irregular, clandestino e, em alguns casos, irrecusavelmente criminoso, relativo às linhas e «placas» de lotações».

LOTAÇÕES

RUBEM: — «Espero que o vereador Gladstone ou negue as declarações que me atribui o jornal ou as prove, e se não as pode provar, desminta-as».

Essa atitude do sr. Negrão de Lima foi considerada como a maior prova de isenção, pois, em uma comissão de três membros, contentou-se, por livre e espontânea vontade, em indicar apenas um. Com essa atitude, quis, evidentemente, o Prefeito deixar bem claro que deseja uma apuração rigorosa dos fatos apontados pelos dois vereadores, mesmo tendo sido envolvidos alguns elementos do seu gabinete.

INDICAÇÕES — Cientificado, pelo vereador Gonzaga da Gama, líder da Maioria, na Câmara Municipal, daquela solicitação do Prefeito, o sr. Gladstone Chaves de Melo indicou os primeiros nomes, dos quais o sr. Negrão de Lima escolheu os srs. Albino Mesquita e Sidney dos Santos, respectivamente, Procurador e Engenheiro da Prefeitura, os quais alegaram ponderáveis motivos para não figurar na Comissão.

Novo grupo indicado pelo representante da UDN, tendo o Prefeito escolhido os srs. Barbosa Lima Sobrinho e Waldemar Paranhos de Mendonça. O primeiro desistiu, alegando respeitáveis motivos de saúde e o segundo aceitou. Faltava um membro da Comissão e o Prefeito mandou fazer o terceiro pedido ao vereador Gladstone e este, prontamente, acedeu, indicando novos nomes, da tribuna da Câmara, como o fizera nas ocasiões anteriores. Cinco minutos depois, (sessão do dia 13 do corrente, na Câmara Municipal) o sr. Gonzaga da Gama informava que o Prefeito havia escolhido o sr. Carlos de Oliveira Freire. A portaria designando esse último componente da Comissão foi assinada e divulgada no mesmo dia. Estava, assim, completada a Comissão de Inquérito que deu mais trabalho para a sua organização.

ACUSAÇÕES — Quais teriam sido, entretanto, as acusações feitas pelo sr. Gladstone Chaves de Melo, que tanto interesse despertaram, não só nos círculos político-administrativos da cidade, como na própria opinião pública, em consequência do farto noticiário dos

jornais, rádios e emissoras de TV? Simplesmente isso: declarou o vice-líder da UDN que fora informado estarem sendo vendidas, por preços altos, até 600.000 cruzeiros, licenças para funcionamento de linhas de lotações, admitindo as referidas informações, estar envolvido um elemento do gabinete do Prefeito.

O sr. Couto de Souza, embora não envolvendo ninguém do referido gabinete, revelou, entre outros aspectos, que existiam fábricas que já vendiam as carroçarias incluindo a licença, o que as tornava mais caras, no mínimo, em 400.000 cruzeiros.

DEFESA — No dia seguinte à acusação do sr. Gladstone, um vespertino noticiou, com destaque, que o elemento do gabinete do Prefeito era o sr. Rubem Cardoso, assessor político do sr. Negrão de Lima junto aos vereadores. No mesmo dia, 21 de maio, o sr. Rubem Cardoso enviava ao vespertino uma carta que foi lida na tribuna da Câmara, pelo sr. Gonzaga da Gama. Desta carta são os tópicos que damos a seguir:

«Custa-me a crer que o vereador Gladstone, que quer pautar sua conduta na vida pública e privada em princípios éticos e morais muito superiores às paixões políticas, tenha feito semelhantes acusações. Se o fez, embora reconhecendo não ter provas do que afirmava, demonstrou leviandade e baixez, veiculando infâmias contra um antigo colega, (o sr. Rubem Cardoso foi vereador na legislatura passada) sem qualquer base e sem precisar (como alegou) temer um processo de calúnia, acobertado como está pela imunidade que desfruta». Depois de repletar o vice-líder da UDN e de rememorar os cargos que já exerceu, inclusive de vice-presidente da Câmara (Mesa de 1954) sem nunca haver sido chamado de ladrão, termina o sr. Rubem Cardoso a sua carta com as seguintes palavras:

«Espero que o vereador Gladstone ou negue as declarações que me atribui o jornal ou as prove, e se não as pode provar, desminta-as».

TUBARÃO — Dias depois, o mesmo vespertino apontava o sr. José d'Abreu Campanário, acionista e diretor-comercial da firma «Carroçarias Vieira Comércio e Indústria S/A», como o «Tubarão das Placas», ou, em outras palavras, dizia que essa empresa conseguia licenças de lotações por meios escusos e as vendia às empresas de transportes ou aos motoristas individualmente, aumentando o preço do veículo.

No dia seguinte (30 de maio) o sr. Campanário surgia com um ineditorial em vários jornais, contestando o vespertino, afirmando que a sua empresa nunca explorara qualquer linha de transporte coletivo, que não tinha interesse em «pleitear e obter concessões de linhas», que toda a escrita da mesma estava à disposição de qualquer pessoa e, finalmente que, textual: «oportunamente, promoveremos a responsabilidade criminal e civil daqueles que trouxeram a público as calúnias contidas na notícia em questão».

PROVAS — O advogado do sr. Campanário e de sua firma, o sr. Alexandre Fonseca, procurado por este repórter, (telefonicamente) declarou:

«Não temos nada a acrescentar ao que foi publicado. Os meus constituintes estão à disposição de quem quer que seja para prestar todos os esclarecimentos, pois o nosso interesse é que a verdade venha à luz. Desejamos descobrir os informantes para responsabilizá-los civil e criminalmente e desafiamos que nos exibam provas do que foi publicado pelo vespertino em questão».

CONCESSÕES — O fato agigantou-se na opinião pública a ponto do Prefeito Negrão de Lima mandar convocar os jornalistas credenciados em seu gabinete, para uma entrevista coletiva. Nesse encontro, o Prefeito, dizendo não ser verdade o que fora divulgado, isto é, que ele (Negrão) mandava conceder linhas contrariando os pareceres dos técnicos, exibiu todos os processos das 17 concessões (13 de ônibus e 4 de lotações) feitas em sua administração. Em todos esses processos, devemos declarar a bem da verdade, estão os pareceres favoráveis do Secretário de Viação, sr. Edgard Soutelo e do diretor do Departamento de Concessões, sr. Hugo Thompson Nogueira.

ÔNIBUS — Das 13 linhas de ônibus, foram autorizadas pelo Prefeito as 9 seguintes: Bangu-Bonsucesso, Maxwell-Lapa, Cascadura-Lapa, Lins-Urca, Lido-São Conrado, Candelária-Madureira, Castelo-Freguesia, Hospital dos Servidores-Copacabana e Estrada de Ferro-Gávea, 4 das quais em atendimento a indicações aprovadas pela Câmara Municipal.

As outras 4 concessões foram dadas pelo sr. Thompson Nogueira, tratando-se de prolongamentos e variantes de linhas. Foram elas: Candelária-Tijuca, Castelo-Guadalupe, Ilha do Governador-Praça 15 e Castelo-Cavalcanti, esta a título experimental, sendo 3 dessas concessões atendendo a indicações da Câmara dos Vereadores.

LOTAÇÕES — As linhas de lotações concedidas na administração Negrão de Lima foram as seguintes: Leme-Gávea, Urca-Leblon, Palácio Guanabara-Leblon, todas essas do tipo «circular» e «Lins-Lapa», essa porque os ônibus não subiam, sistematicamente, a rampa existente no Lins e eram gerais as reclamações dos moradores daquele populoso bairro.

ONDA — Acentuou, ainda, o sr. Negrão de Lima nesse seu encontro com os jornalistas que toda a onda estava sendo feita em torno da linha Bairro de Fátima-Leblon, para a qual fora indeferido o pedido do primeiro interessado em explorá-la. Depois surgiram mais 4 pedidos e o assunto estava em estudos ainda.

PRESSÃO — Ainda sobre essa linha, disse o Prefeito, naquela ocasião, que o povo do Bairro de Fátima o estava pressionando para que ele desse a concessão da linha. Nesse sentido, já havia recebido em seu gabinete, o Vigário local acompanhado de várias pessoas ali residentes. Tudo, entretanto, a respeito daquela linha estava em suspenso. E ainda está, até o momento em que escrevemos esta reportagem.

— Contudo — acrescentou o sr. Negrão de Lima, após uma série de considerações, — todo o meu desejo é que se apure o alegado pelo vereador Gladstone em toda a sua extensão. Não me move outro interesse que não seja a verdade despida de qualquer artifício. Para frisar a minha independência, pedi ao vice-líder da UDN que indicasse nomes para a Comissão. O que houver de verdadeiro a opinião pública saberá.

CARTAS — Dias depois, um matutino envolvia no «affaire» os srs. Hilton Gadret e Roberto Filgueiras, técnicos do Gabinete do Prefeito, apontando-os como interessados em transações excusas de linhas de lotações. A esse noticiário, responderam os dois atingidos, em cartas que não foram publicadas na íntegra.

Da carta do sr. Gadret, destacamos os dois trechos que vão a seguir:

— E' de pasmar, sr. Diretor, que a volúpia do sensacionalismo leve alguns repórteres de jornais respeitáveis a assacarem injúrias veladas contra pessoas a quem eles jamais conheceram, porque se as conhecessem, saberiam que estão a salvo de suspeita de qualquer deslize. — «A honra alheia, sr. Diretor, merece maior respeito e tal respeito eu exijo ao lhe dirigir a presente carta, que espero ver publicada no mesmo local e com igual destaque, como me assegura a Constituição e a Lei de Imprensa. Aos que me conhecem, qualquer explicação será supérflua; aos que não me conhecem, eu dirijo um apelo no sentido de suspenderem qualquer juízo até a conclusão da Comissão de Inquérito».

Da carta do sr. Filgueiras vão dois tópicos: — Não é possível, sem que tal fato signifique a completa subversão das normas da ética mais elementar, não é possível, repito, que se procure levemente, envolver em escândalos fomentados por interesses menos dignos, o nome de servidores da Prefeitura, que sempre timbraram em manter inatacável sua probidade funcional, no exercício de cargos de confiança e em todos os setores em que foram chamados a servir. — «Honro-me de colabo-

rar com essa administração superior, diretamente subordinado ao sr. Prefeito, cuja dignidade jamais permitiria, mesmo a um inconsciente, aproximar-se de S. Exa. para, junto a ele, encaminhar interesses escusos».

THOMPSON — «Assumo inteira responsabilidade por todos os atos do Departamento, de 7 de maio de 56 até agora, porque nenhum deles foi praticado em desacôrdo com a lei», foi o que afirmou a este repórter, o sr. Hugo Thompson Nogueira, diretor do Departamento de Concessões. — «Quanto ao mais, concluiu o sr. Thompson, espero as conclusões da Comissão de Inquérito».

E terminou com bom humor:

— Sou um réu que espera um juiz que o queira julgar».

COUTO — Procurado pelo repórter, disse o sr. Couto de Souza, líder do PSD:

— Quero, antes de tudo, louvar a isenção do Prefeito Negrão de Lima e declarar que tenho esperanças de que a Comissão de Inquérito apure, realmente, a verdade. Já agora, em consequência da explosão do «affaire», as fábricas já estão vendendo veículos sem a licença, isto é, por 1 milhão e 100 mil cruzeiros, ou seja, com 400 mil cruzeiros de diferença».

E terminando:

— A minha «Testemunha X», que apresentei na TV-Rio (a câmara focou apenas os sapatos e a bainha das calças do homem misterioso) revelará, no inquérito, aspectos sensacionais. Vamos agora esperar as conclusões da Comissão».

RUBEM — Desligou-se, recentemente, das funções de Assessor Político do Prefeito o sr. Rubem Cardoso. Para isso fez uma carta ao sr. Negrão de Lima, declarando que não desejava criar embaraços à Comissão de Inquérito na apuração da verdade. O sr. Negrão de Lima aceitou as ponderações do sr. Rubem Cardoso e essa carta foi lida, na tribuna da Câmara, pelo sr. Couto de Souza.

GLADSTONE — Para terminar esta reportagem, que apesar de longa é um resumo das linhas gerais do fato, divulgamos as declarações exclusivas que foram feitas ao re-

pórter, pelo vereador Gladstone Chaves de Melo. Disse o vice-líder da UDN:

— Há um amplo e florescente comércio irregular, clandestino e, em alguns casos, irrecusavelmente criminoso, relativo a linhas e «placas» de lotações. Muita gente sabe disso, milhares de pessoas conhecem detalhes do «negócio», a própria imprensa já chega a publicar «anúncios». Trata-se, portanto, de um segredo de Polichinelo.

«Falei no caso, acenei para as irregularidades, pedi providências, mas o líder do Prefeito na Câmara dizia não haver denúncia concreta. Eis por que, para forçar a abertura do necessário inquérito, formulei a denúncia oficial: «Da tribuna da Câmara do Distrito Federal, em pleno exercício do meu mandato, denuncio oficialmente ao Senhor Prefeito que estou seguramente informado de que há vendas de linhas de lotação no Gabinete do Prefeito e, então, peço a abertura de um inquérito para se apurar a procedência ou improcedência das informações».

«No entanto, a coisa não ficará só nisto: aberto o inquérito, vamos eu e o vereador Couto de Souza e outras testemunhas por nós apontadas e arroladas levantar o véu para mostrar claro como e por que nesta infeliz cidade, uma multidão sofre diariamente as angústias de um péssimo serviço de transportes, enquanto uns três ou quatro enriquecem estupidamente e algumas dezenas se locupletam de gordas propinas».

«Tem sido errada a posição do governo — continua o sr. Gladstone — que quer deixar o ônus das provas por nossa conta. Em bom Direito e numa administração ciosa e democrática, cabe aos denunciadores abrir os caminhos, mostrar os indícios, indicar as pistas, e ao Governo pôr efetivamente todo (o grifo é do vereador) o empenho em descobrir os fraudadores e os traficantes de influências, punindo-os exemplarmente. Não podemos armar uma luta entre os que querem aclarar e os que se acastelam à esfera de «provas» e se apressam em mostrar que não há nada de irregular, o que seria prejudicar quando o inquérito teoricamente já está aberto. Devia haver, isso sim, uma emulação de empenhos, uma intensa rivalidade para ver quem chega primeiro e firma prova primeiro. Apontei nomes para a Comissão de Inquérito — conclui o vereador Gladstone Chaves de Melo — mas não os consultei previamente. Estou prestando um serviço público, penoso e ingrato, e acho que cada um, chamado a cooperar, deve assumir publicamente a responsabilidade da recusa».



NEGRÃO — «Não me move outro interesse que não seja a verdade despida de artifícios».

GADRET: (dirigindo-se ao diretor de um matutino) — «A honra alheia merece maior respeito e tal respeito eu exijo ao lhe dirigir a presente carta...»

FILGUEIRAS: (dirigindo-se ao diretor de um matutino) — «Honro-me de colaborar com essa administração superior, diretamente subordinado ao sr. Prefeito, cuja dignidade jamais permitiria, mesmo a um inconsciente, aproximar-se de S. Exa. para, junto a ele, encaminhar interesses excusos».

THOMPSON: — «Desde que dirijo o Departamento de Concessões, nada se fez em desacôrdo com a lei».

FONSECA: (Advogado de Campanário) — «Desafio que exibam provas contra os meus constituintes».



COUTO — «A Testemunha X, que apresentei na TV-Rio vai contar tudo o que sabe».

PÁGINAS DO GALO BRANCO

● CAMINHAVA EU, EM SÃO PAULO, há poucos dias atrás, pela rua da Quitanda, quando meus olhos se encontraram com um certo edifício de escritório, onde trabalhei em negócios de madeira importada do Paraná. Retomei, então, o rio do tempo, no trecho em que vivera há mais de trinta anos. Lembrei-me de quantas e quantas vezes não me deixava ficar na janela, a espiar de um oitavo andar o movimento naquela agitada rua, um dos centros da atividade paulista. Surgiu-me, então, a minha própria e misteriosa pessoa, tal como fui ainda bem jovem, procurando caminho, agitando-se.

Vez por outra saía eu do escritório e tocava-me para as livrarias. Ia à casa Garraux, onde certa ocasião encontrei Coelho Netto em atividade comercial. O romancista de **Inverno em flor**, viera fazer uma conferência em São Paulo e deixara bilhetes à venda na Garraux e outras casas, e estava ocupado em recolher o dinheiro apurado nas vendas.

Recordo-me, perfeitamente, que reprovei o fato de Netto andar tratando dos seus próprios benefícios, de ir saber o que tinham vendido, de fazer contas. Não era tarefa essa de um consagrado, de um luminar, de um eleito dos deuses. Para dizer a verdade, Coelho Netto teóricamente não me interessava nesse momento. Era um medalhão, um passadista e a moda do tempo (estávamos em pleno modernismo) o condenava, o exilava, o desclassificava. Eu não devia tomar conhecimento da presença do **último dos helenos**, na livraria Garraux. Minha posição de rebelde aprendiz de literato, anônimo e orgulhoso, impunha-me uma total indiferença diante do homenzinho de pince-nez luzente, rosto largo de traços fortes, estatura pequena, já nos últimos anos de vida. Mas, deparando Coelho Netto na livraria, assim de repente, senti uma coisa qualquer no peito, uma emoção funda misturada ao desgosto de surpreender o famoso estilista contando dinheiro.

Outra livraria que eu freqüentava era a Gazeau, perto da Praça da Sé, grande sebo, com um subterrâneo. Lá ia deli-

ciar-me ao encontrar volumes do teatro de Ibsen a preços convenientes, ou romances famosos que eu devorava nas noites desertas e infortáveis passadas numa pensão da rua Rêgo Freitas.

Em São Paulo a ambição de tornar-me grande homem de negócios se equilibrava com o meu desejo de vir a ser um cidadão conspícuo, letrado, ilustre, bem reputado. Saía do escritório e caminhava para tomar o bonde, à tarde, com grandes planos de aproveitamento do tempo, mas era um agitado e atirava no abismo as horas livres e incomparáveis da mocidade.

Tôda a minha segurança diurna desaparecia no quarto minúsculo da pensão. O dinheiro era mais do que curto. Quase nada sobrava para os livros. Sofria muito.



● OS PRIMEIROS SONETOS DE PENSAMENTO, de angústia metafísica, surgiram, justamente, nesse período — 1924 a 1928 — em São Paulo. Poetava eu como um estúpido que era. Dava a impressão de um pedante, de um caixeiro inconformado, mas na realidade era um desamparado, um pobre de Deus, tímido e com aparências de ousado. As águas do destino começavam a levar-me para onde queriam...

Anos de aprendizagem, de vida obscura, desconfortável, de começo, de inauguração de uma existência. Quantas vezes não desejei antes morrer na mocidade a continuar a arrastar-me sem saber o que desejava e pretendia, sem encontrar uma finalidade, atirado ao léu...

Caminhando pela rua da Quitanda há poucos dias passados, senti que o meu coração se fazia mais enternecido, olhava de um ângulo melhor as horas supostamente amargas do passado.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT



O poeta, também grande ora-
dor, num momento de euforia.

PODRIDÃO (nos bastidores) MINANDO A MÚSICA POPULAR

ANTÔNIO DOMINGUES, COMPOSITOR, LEVANTA O VEU, MOSTRANDO ALGUNS
DOS PONTOS RELACIONADOS COM A FALSA DECADÊNCIA DA MÚSICA PO-
PULAR BRASILEIRA ★ DESMASCARANDO OS "TRABALHADORES" DE MÚSICA

Reportagem de SILVIA DONATO

1. No momento, o assunto que agita os meios artísticos musicais, é o desmascaramento dos falsos compositores. Programas especiais de rádio e televisão, polémicas por colunas de jornais e revistas, nos corredores das emissoras, em toda parte, o assunto é um só: paternidade das músicas de sucesso. Perguntamos aos afinal de contas, o que vem a ser uma música de sucesso, realmente? Será aquela que nós ouvimos de manhã à noite numa emissora? Será a que merece a preferência das orquestras, ou as que podemos encontrar nos toca-discos públicos? Quando um cantor de nome escolhe uma música para gravar, será que o motivo está ligado à beleza de sua letra? Ou será a misteriosa orquestração que infundiu na vontade do cantor? Afinal de contas, existem ou não os falsos compositores? Como diferenciá-los do bom do ruim, o falso do verdadeiro? Perguntar a um deles, seria indicado? O negócio era escolher um compositor da velha guarda, embora não exatamente, que tivesse, realmente, grandes sucessos, e cujo nome gozava divulgação apreciável. Alguém sem «gripes na língua», nos honesto.

2. DOMINGUES, O COMPOSITOR REPORTEIRO — Achamos em Antônio Domingues, dublê de compositor e repórter, o nosso «homem», que passamos a apresentar-lhes: carioca, 38 anos, conhecimentos gerais de música, pianista nas horas vagas. Quando tinha 19 anos, sua família foi morar na Praça Onze, famoso centro do samba, onde, influenciado por amigos, iniciou-se como compositor. Deuterando-se, mais tarde, na banda do Café Carlos Gomes, ali na Praça Tiradentes, tendo por professores Luis Sobrinho, Bury Moreira, Ary Kertner, Secundino e muitos outros. Algumas de suas gravações: «Tô na Pen de Deus» (samba) — «Onde estás amor» (samba) — «Se for Pecado» (samba) — «Faltava Merce» (samba) — «Velha Amizade» (samba) — «Se amar é Bem» (toccata) — «Não vos tão cedo» (samba-canção) — «Eu transsei» (samba) — «Gosto dele» (samba-choro) — «Quem es tá» (samba-canção), etc. Já teve como parceiros, Ataulfo Alves, Nilton Carnevali, Alberto Jesus, Sebastião Nunes, José Mercúlio e José Maria de Abreu. Feita a apresentação, vejamos como o compositor Antônio Domingues respondeu à nossa pergunta: É verdade que a música popular brasileira está decadente? Por quê?

3. OS «TRABALHADORES» DE MÚSICA — A música popular não está decadente. O que está acontecendo, de fato, é que os programadores das emissoras têm primado em divulgar o que de pior temos, em detrimento das nossas boas composições, que morrem nos discantes. Grande parte da culpa dessa preferência pelo pior, cabe aos «trabalhadores» de música, em sua maioria, falsos compositores. Pudessem os colegas que costumam nos indivíduos como parceiros, (a tróia de mimiquinhos cruzeiros e «trabalha») compreender todo o mal que lhes representam para a classe, compreender que esses homens são os carneiros da música popular, e a situação seria bem outra. A falta dos «trabalhadores» já é tamanha, que cantores de fama e popularíssimos, sugerem ao autor de uma música de sucesso, que dêem parceria a fulano, pois ele, «é um bom trabalhador». Fosse até pior o fato acontecendo comigo mesmo, quando apresentei a Orlinda Cordeiro uma composição minha com música de José Maria de Abreu e ele respondeu-me que só gravaria se um certo «trabalhador» entrasse na parceria.

Eis por que esses «sangue-sugas» da classe alheia têm parte integrante do bolo da nossa música popular. Tendo eles grande dinheiro nos mais divulgados momentos (alguns até vivem fora do país), muitas vezes, para ocultar a política seu verdadeiro modo de vida, mantêm a parceria de qualquer música seja ela boa ou má. Depois, uma gratificação altíssima e cantores sem escrúpulos conseguem gravá-la. São também os compositores mais exigentes. Se têm negação com músicas de gravar, limitando-se assim a cantar. Nesses casos, pagam ao verdadeiro autor um pouco mais pela parceria. Assim que o disco é lançado na praça, esses «compositores» distribuem propinas

e alimentam «cafetins» para o disco ser rodado sem interrupção. Alguns há, que por comprarem muita parceria, patrocinam seus próprios programas, onde só são executadas as suas músicas.

Não tendo gosto artístico para escolher suas músicas, raramente acertam com sucesso, apesar das grandes quantidades adquiridas.

4. CARNAVAL, PARAISO DOS FALSOS PARCEIROS — Na distribuição de carnaval, é que esses falsos parceiros procuram ter o capital empregado. Não precisa ser grande entendedor para concluir que de ano para ano vem piorando a safra musical de gravações para o Tódio de Mamã. Quem grava só no meio do ano, já está sentindo o perigo que o falso compositor representa, pois ele conseguiu estender seus tentáculos ao último período post-carnavalesco, suplantando, em divulgação, a maioria dos autores, com exceção de Dorival Caymmi, Ataulfo Alves e Ary Barroso, baluartes da nossa música popular, que têm de ser respeitados, e são, por aqueles parasitas. Esses três compositores sempre provaram que a boa música não precisa de «trabalho», pois, como seus parceiros, não figuram falsos autores.

Pudesse o leitor na época carnavalesca, com um pouco de paciência, analisar as músicas mais tocadas, teria a prova da vantagem que levam os falsos compositores na execução. Dissemos, pudesse, sabedores que somos da impossibilidade da tarefa, porque os locutores raramente anunciam o nome do compositor da música apresentada, infringindo assim o parágrafo 1º do artigo 35, do Regulamento dos Serviços de Rádio-Comunicações, decreto número 21.111, de 1 de março de 1932, cujo texto é o seguinte: «A irradiação de qualquer assunto ou trabalho já divulgado ou não por outro meio, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação do nome dos autores». Mas este já é outro assunto, que teremos prazer em abordar noutra ocasião. Voltamos ao problema inicial: decadência ou não da música popular.

5. A «PANELINHA» DAS FÁBRICAS GRAVADORAS — Outra das razões porque se ouve, diariamente, uma enormidade de músicas ruins, transmitidas por nossas emissoras, é a quantidade de funcionários-autores existente em cada gravadora. A única exceção é a RCA Victor, que não admite autor musical entre os seus funcionários. Esses autores-funcionários, à revelia da alta direção das fábricas, fazem misérias. Geralmente são empregados de categoria o que lhes permite consentir na gravação de uma música. Outras vezes, arvoram-se em conhecedores e chegam a impor as canções para os intérpretes. Um cantor sujeita-se a essa imposição, não só por falta de personalidade, como também por saber que aquele homem pode prender ou soltar os lançamentos da fábrica, tirando as coisas de disco e oferecendo este ou aquele material indutivo, são esses homens que fazem as «paradas de sucesso». Coisa comum em fábrica de disco é o cantor ouvir esta frase: «Vá aprender o samba de fulano da fábrica X. A música é boa e ele tem relações para fazer o disco rodar». Assim a música do amigo do funcionário da fábrica é gravada. O fulano da gravadora X faz o mesmo com os seus cantores. Nessa permuta, está formada a «panelinha» entre empregados de inúmeras fábricas gravadoras.

6. DIVULGAÇÃO — BOSSA NOVA E DESTRUIDORA — Antônio Domingues, nosso entrevistado, neste ponto faz uma pausa para comentar os ataques que, recentemente, sofreu depois de publicada esta reportagem. Principalmente por parte dos divulgadores dessas fábricas, em sua maioria cronistas especializados e «cães» (sic) do assunto. Mesmo assim, prossegue...

— Além da «panelinha» existente entre os autores-funcionários de gravadoras, há ainda o caso dos «Departamentos de Divulgação», que investem somas avultadas sobre as músicas de péssima qualidade. Seus diretores também são compositores! Esses departamentos têm a responsabilidade de divulgar os suplementos lançados, incluindo-se quer nos programas patrocinados pela gravadora, quer nos programas de



... pessoas amigas, desejosas de pagar um favor. Mas o que fazem os líderes da «panelinha»? Organizam a programação com músicas estrangeiras, quando não, com versões. Apertados por alguns críticos honestos, também «honestamente», incluem nos números nacionais, as suas próprias composições. Sempre no velho sistema de permuta. Assim, os departamentos de divulgação, bossa nova no meio, ao invés de ajudarem na divulgação do que é nosso, na preservação do nosso folclore, têm destruído.

Há, graças a Deus, exceções dignas de serem mencionadas. Os maestros empregados em gravadoras. Apesar de ocuparem lugar de destaque, raramente gravam suas músicas, também pressionados pela «panelinha». Os veteranos Braguinha e Antônio de Almeida, jamais se aproveitaram do fato de estarem, eventualmente, à frente de uma gravadora, para prejudicar quem quer que fôsse. Pelo contrário, muito autor novo deve sua projeção aos dois. Luís Bittencourt, outro nome que pode ser citado.

○ O COMPOSITOR MILIONÁRIO — Outro mal que corrói a nossa música popular, é o autor-milionário. Não estou me referindo àqueles que ameilham dinheiro fazendo música durante anos e anos, pois esses, acredito que nem existam. Falo dos «compositores» que gastam fortunas na divulgação de suas péssimas composições. A felicidade suprema para eles, seria, além do dinheiro, terem a inspiração, já que

esta lhes falta, compram a alheia. Esses autores, proprietários de camisarias, donos de fábrica de sabonete, construtores e médicos, investem pequenas fortunas em programas por eles patrocinados, sendo que o cantor escalado, em troca, às vezes, da prioridade do horário, sujeitam-se a gravar-lhes as músicas. Um desses compositores-milionários, conseguiu ser eleito o «melhor do ano», pondo para trás os verdadeiros «donos do sucesso», em flagrante desrespeito. Também pela força do dinheiro, conseguiram entrar para a «panelinha» das gravadoras.

DISCOTECÁRIO VIROU VÍTIMA — Antigamente, e com alguma razão, os discotecários eram culpados da apresentação em excesso dos chamados «bagulhos». Hoje, com as coisas mudadas como estão, nem mesmo as suas próprias músicas, quando se trata de um compositor, o discotecário tem direito de pôr para rodar. Vai longe o tempo em que discotecário aparecia como «parceiro». Hoje em dia representa capital empatado. Para fechar esta entrevista, que já se alongou em demasia, falarei nos «disc-jockeys». Não de todos, só dos bons. Santos Garcia, Átila Nunes e Jair Amorim, que, apesar de compositores (muito bons) nunca se prevaleceram de sua função e da confiança que a emissora nêles deposita, para prejudicar seus companheiros compositores, que não tiveram a mesma sorte. Peço desculpas aos que pensam como eles três, por ter-lhes omitido o nome, e aos que a carapuça servir... aproveitem!

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN



INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202

LEIAM

EU SEI TUDO

CBS 10,00

XAMBU

2ª BELEZA
E NIGOR NOS OLHOS
CONTRA A CASPA
E OLHOS BRANCOS
ENTÃO GARANTIDO



A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
seu contorno, use BÉL-HORMON nº 1
e quando for, ao contrário, demasiado
volumoso, use BÉL-HORMON
nº 2. BÉL-HORMON, a base de hor-
mônios, é um preparado modernis-
simo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir-o nos
laboratórios e distribuidores da Rua Carreira.



**BÉL-
HORMON**

Sociedade Farmacêutica Química In-
dustrial Ltda. — Rua São Francisco, 108
Rio de Janeiro

Quem enviar este por Remessa
Postal um valor de BÉL-HORMON
Nº

NOME _____
RUA _____ Nº _____
CIDADE _____
ESTADO _____

Pagar ao remetente _____
Por Remessa Postal _____
Por Vias Postais _____

UN SÉCULO
MILHARES DE HOMENS
EM TODO O BRASIL
PREFIRINDO ADE-
CANTO

**Calçado
SOUTO**



TRA-
DIÇÃO
DE
ELEGÂNCIA
E
QUALIDADE

"Mil" lhe oferece:



**PORTA MALAS
SUPER LUXO
FUNDOS-AMADOS**

REMUNER - UTILIZAÇÃO FÁCIL

Pessoa Técnica Especializada
GARANTIA E HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A



FALANDO AO LEITOR

GILBERTO GUIMARÃES e Marita Lima (duas novas aquisições da REVISTA DA SEMANA) são excelentes repórteres. Gilberto é especializado em assuntos do Distrito (Lixo, nº 23; Rio, Cidade Estrangulada, nº 25). Marita escreve sobre assuntos diversos e no número passado apresentou uma ótima entrevista com Hermes Machado.

NÃO, SR. ROBERTO BARBOSA, não sabemos. Pela centésima vez informamos que não sabemos o endereço de Emília, Ângela Maria ou Marlene.

GRATOS AO SR. DIONÍSIO Marcondes de Souza pelas referências à Revista na sua nova fase, e pelos louvores à linha de imparcialidade e independência. Quanto às citações pessoais ao nosso diretor, gratos também.

O SR. TEM RAZÃO, sr. Lúcio Cançado. Deveria ter saído descobrimento em vez de descoberta, na reportagem sobre a chegada do Presidente Craveiro Lopes na Bahia. Sempre que não concordar com alguma coisa (ou com os nossos comentários, ou com as nossas idéias), escreva, dê sua opinião, mantenha um diálogo conosco. Não temos a pretensão da infalibilidade. Muito gratos pelos elogios à nossa «conduta vibrante e leal».

AOS SRS. JORGÊ CARVALHO, Antônio Marcondes, Bolívar de Souza Gomes e às sras. Teresa Valdez, Norma Andrade, Ângela Marinho e Rosali Camargo, agradecimentos pelas referências, pelas críticas e pelas sugestões. É mais uma vez reafirmamos que preferimos as cartas contendo críticas e restrições. Somos gratos aos elogios, que significam que atingimos os nossos objetivos. Mas as críticas e as sugestões dão uma medida do que ainda não atingimos, da meta que ainda não alcançamos, mostram-nos o caminho a seguir.

O SR. AURELIO RODRIGUES CAMPOS pergunta porque o Presidente de Portugal não foi visitar seus cunhados em Braz de Pina. Protocolo, sr. Aurélio. O protocolo domina os chefes de Estado, aprisiona-os, escraviza-os. O próprio Presidente Craveiro Lopes declarou que um Chefe de Estado não tem parentes, tem que se colocar acima dos seus interesses ou exigências.

O FLAMENGO NÃO vai à Europa agora, Sr. Milton Carvalho. O campeonato está às portas e os mais queridos tem que estar atento. A guerra de ST será terrível.

es
to
de
e
er-

na
ela

fe-
de
ais

do
a
que
os,
um
ito

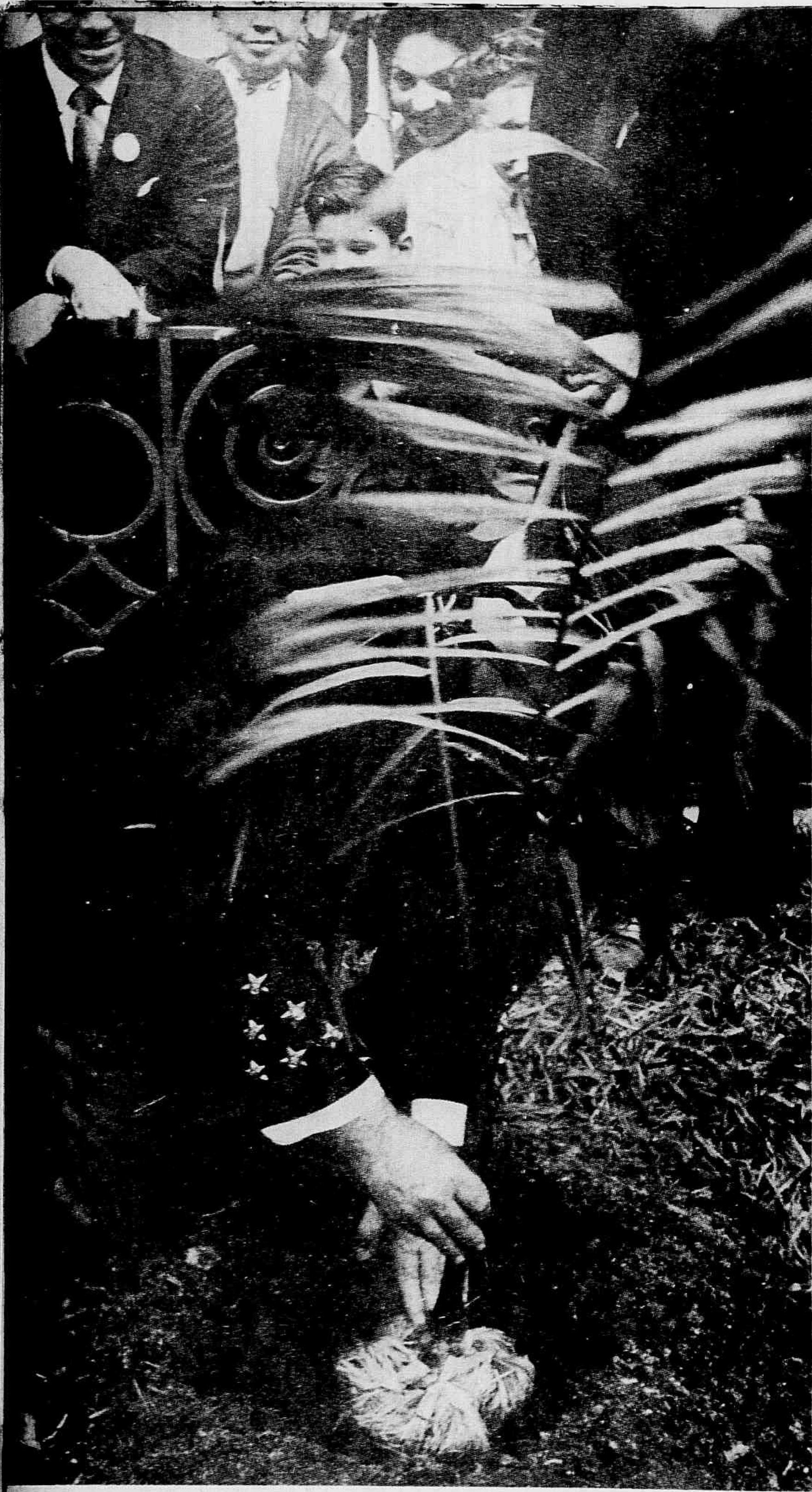
var
An-
ên-
nos
nos
je-
da
nos

e o
de
de
crá-
tes,

va-
que



CRAVEIRO (repetindo D. João VI) PLANTA UMA ÁRVORE NO JARDIM BOTÂNICO



CRAVEIRO PLANTA UMA ARVORE NO...

REVISTA DA SEMANA — 20

• Apesar do programa intenso e sem um pouquinho de folga, o Presidente Craveiro Lopes fez questão de conhecer o Jardim Bo-



tânico. Foi, maravilhou-se com tanta beleza, recebeu aplausos entusiásticos e depois plantou uma árvore. Repetindo o gesto



histórico de D. João VI, apanhou da pá, abriu um buraco, colocou lá a árvore, abaixou-se, tornou a colocar a terra no buraco, ajeitou

tudo com a pá, apanhou o regador, molhou o chão e ergueu-se triunfante. Tudo isso com seriedade, sem nenhuma afetação ou en-

fado. Estas 4 fotos de Yllen Kerr mostram ao leitor como um Presidente planta uma árvore em 5 minutos e com tôda tranqüilidade.

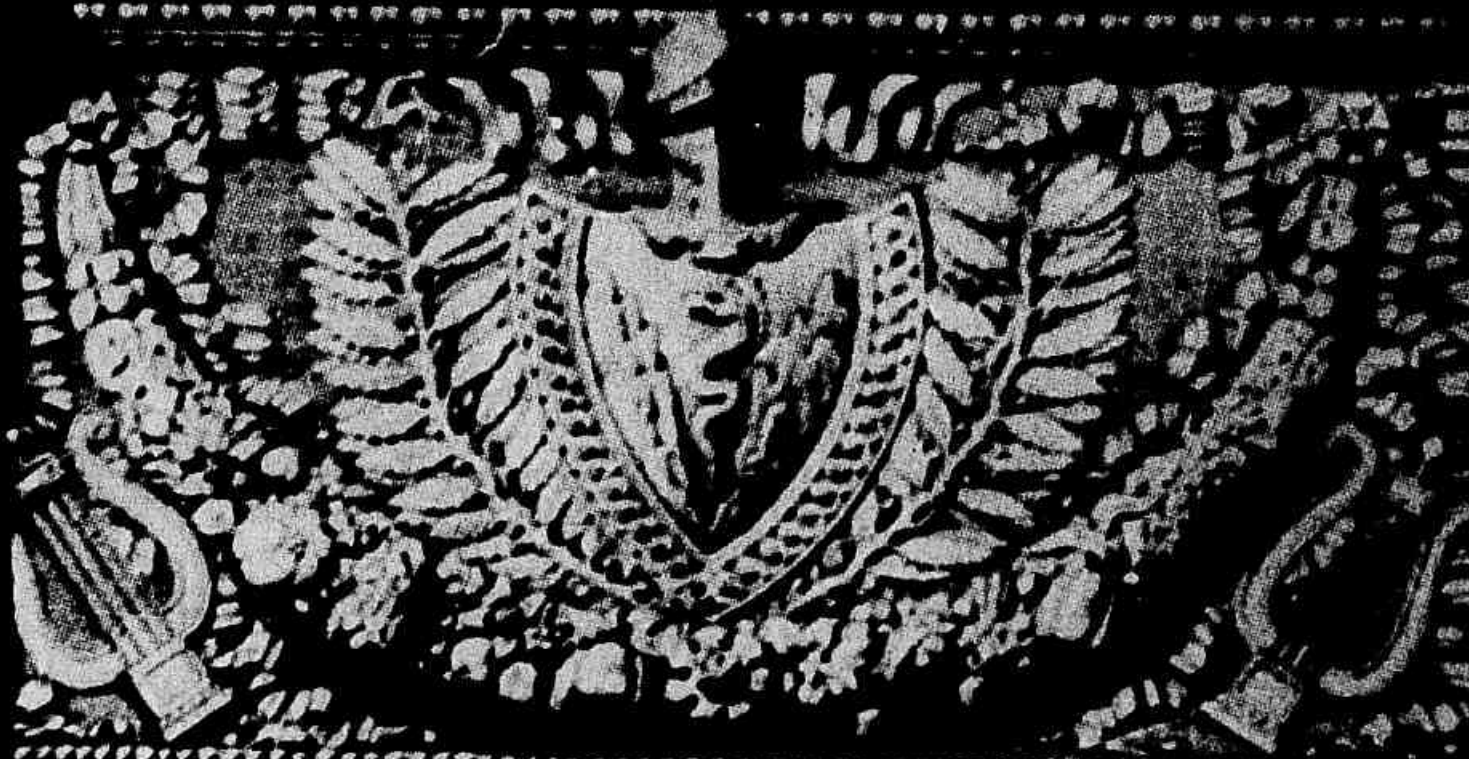
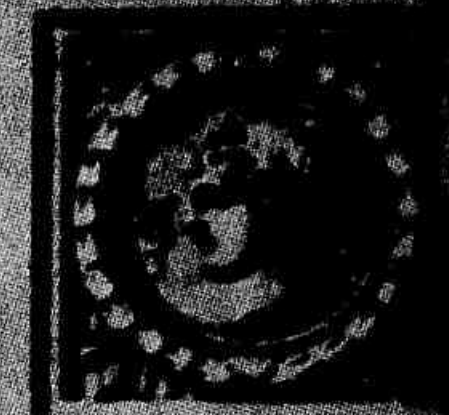
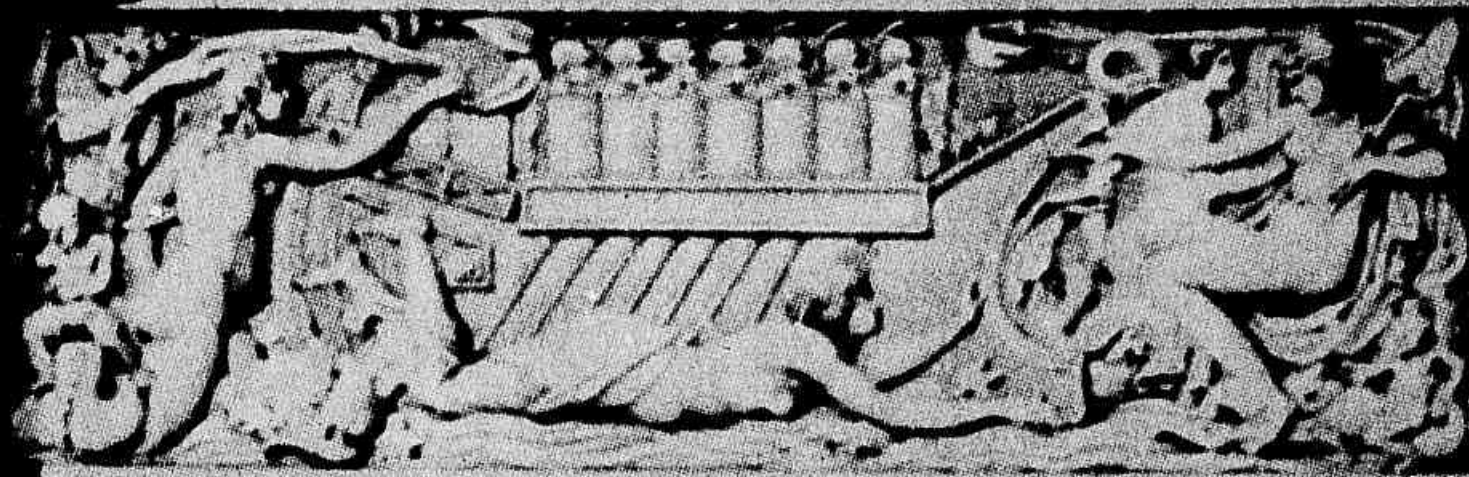
OS LUSÍADAS:



— «Esta é por certo a terra que buscais — Da verdadeira Índia, que aparece
— E se o mundo mais não desejais — Vosso trabalho longo aqui fenece».

385 ANOS DE POESIA

O POETA E SEU POEMA ★ NÃO FÔSSE A CUTILADA EM BORGES, TALVEZ
NEM OS LUSÍADAS HOUVESSE ESCRITO ★ CAMÕES NA BIBLIOTECA NA-
CIONAL EM EXPOSIÇÃO INAUGURADA PELO GENERAL CRAVEIRO LOPES



O poeta Camões.

OS LUSÍADAS



"JÁ A VISTA POUCO E POUCO SE DESTERRA — DAQUELES PÁTRIOS MONTES QUE FICAVAM — FI

NO dia 10 de junho de 1580, morria no Hospital São Lázaro na rua de Santana em Lisboa, velho, pobre e abandonado, um certo Luiz Vaz de Camões... No dia 10 de junho corrente, Sua Ex^{ta} General Carveiro Lopes, inaugurava a exposição Camoniana na Biblioteca Nacional, por entre flores e aplausos. O professor Celso Cunha (diretor) discursou, tendo feito (e bem) o histórico de um poema que desde a impressão em casa de António Gonçalves na velha Lisboa de 1572, corre o mundo sempre vivo, já em muitas línguas traduzido, há trezentos e oitenta e cinco anos conduzindo milhões de leitores, "por mares nunca dantes navegados", no intenso mistério da recriação poética.

• O CERTO POR LINHAS TORTAS

Na vida de Camões a realidade e a lenda confundem-se motivando eternas discussões. O que é certo era ser Camões um português de quatro costados impulsivo e sentimental. Cedo ainda, apaixonou-se por dona Catarina Ataíde, paixão violenta que acarretou-lhe desastrosas consequências, sendo, pela teimosia, dizem, exilado quatro vezes... Em 1547 foi para a África, voltando mais tarde sempre insatisfeito ("olhos verdes, por que me não védes") e brigão, sempre.

Em 1552, Dom Gonçalo Borges descalça a cavalo entre o Rio de Santo António apreciando o desfile de Corpus-Christi em Lisboa, quando dois homens o insultaram. Um deles era Camões que o tinha por inimigo e intrigante. Enquanto o diabo esfrega um olho, puzeram-se as espadas e o poeta acutilou

Borges no pescoço, quase o matando. Por isso, preso ficou um ano em Lisboa e depois de pedir desculpas em carta e perdão, foi embarcado para a Índia sem privilégios e ganhando uma miséria.

E quem sabe? Não fôsse a cutilada em Borges, talvez nem os Lusíadas houvesse escrito...

• O POEMA

Que ao pobre do Camões muito pouco valeu publicar o poema, já vimos. Mas a vida mesmo, a verdadeira vida do autor, esta começa com o poema no mágico momento em que um leitor qualquer, em qualquer lugar, há trezentos e oitenta e cinco anos principia a viagem imensa de Lisboa a Índia, da Índia a Lisboa, com Vasco da Gama e os fantasmas dos heróis e deuses que o protegem e atormentam, viagem perturbadora e genial, plena de vida.

Escrito em dez cantos, narra o poema a descoberta do caminho das Índias por Vasco da Gama, a história de Portugal até o reinado de Dom Manuel contada pelo navegador ao réu de Melinde e ao governador de Calicut (cantos terceiro, quarto, quinto e oitavo) e em seguida, o futuro de Portugal descrito em profecia a Vasco da Gama na Ilha dos Amores por uma deidade (canto décimo). A forma adotada foi a da estância em oitavas reais (mais tarde chamada "Oitava Camoniana") em versos decassílabos heróicos de ritmo já familiar aos nossos ouvidos:



M — FICAVA O CARO TEJO E A FRESCA SERRA — DE SINTRA, E NELA OS OLHOS SE ALONGAVAM”.

Canto I — As armas e os barões assinalados
Que da ocidental praia Lusitana...

II — E que incautos pagassem, dêste jeito
O mal que em Moçambique tinham feito...

III — Estavas linda Inês, posta em sossêgo
De teus anos colhendo doce fruto...

IV — Que novos desastres determinas
De levar êstes reinos, e esta gente?...

V — Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando...

VI — No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde...

VII — Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundantes!...

VIII — Êste que vês é Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitânia chama...

IX — Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer...

X — De sorte que Alexandre em vós se veja,
Sem a dita de Aquiles ter inveja...

• APELO

Além de ser o poema épico mais genial depois de Homero, os Lusíadas são uma verdadeira enciclopédia da flora, fauna, mitologia, cosmografia, geografia, etnografia e do estilo também. Os recursos literários usados por Camões, por si só dariam um tratado de estilística. Justamente por isso, nas Escolas Secundárias e Superiores de Língua Portuguesa, dá pena ver como tratam o poema.

Secos professores incutem ao aluno quase que pavor verdadeiro, pelo modo de apresentar o poeta, intimidativo como um monstro inacessível recoberto de palavrões gramaticais, retalhado em fastidiosos esquemas de análise. Entreguem o poeta e seu poema intactos ao aluno, deixem-no descobrir primeiro a vida por entre os versos, chamem a atenção sobre os aspectos pitorescos da obra, procurem mostrar gravuras da época em que apareçam o mar, o céu, as caravelas e os estranhos peixes e gentes estranhas que o poeta canta, deixem os Lusíadas viver, com mais intensidade ainda, os seus trezentos e oitenta e cinco anos.

Literatura e arte

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

POESIA

Manhã da Rosa Esquiva

*O galo é que foi clarim
na manhã da rosa esquiva.*

*Guardava-se a prometida
no silêncio e no temor,
cultivando o alumbramento,
lentamente, quase amor.*

*Guardava-se a prometida
na manhã da anunciação,
laborando, no recesso,
o milagre da canção.*

*Incrustado no silêncio,
estava maduro o canto,
e a rosa aguardava, apenas,
o benefício do espanto.*

*Na garganta o galo, curvo,
um canto claro forjou.
Grito mau, ferindo duro
o silêncio que o gerou.*

*Dentro do grito e do espanto,
a rosa deu-se, por fim;
que na manhã de uma rosa,
um galo é sempre clarim.*

LUIZ FERNANDO NAZARETH

OS FATOS

COMEMORADO o aniversário do «Diário de Notícias» com um coquetel na Livraria São José, durante o qual foram lançados os livros vencedores do Prêmio «Orlando Dantas», de 1956: «Loucos, Poetas, Amantes», de Geraldo Santos, e «Lady Godiva», de Macedo Miranda, êsse último menção honrosa. — TAMBÉM um coquetel comemorou o aniversário de «Jornal de Letras», levado a efeito igualmente na São José. — IMPORTANTE Coleção Camonianiana foi inaugurada na Biblioteca Nacional, quando da estada entre nós do General Craveiro Lopes. Entre tantos banquetes, paradas e recepções, foi, ao que nos consta, a única solenidade de cunho cultural oferecida ao Presidente de Portugal. — A PONGETTI lançará, muito brevemente, a tradução portuguesa de «El Mecanismo de la Vida Consciente», do pensador argentino Carlos Bernardo Gonzales Pecotche, animador de um novo movimento filosófico, chamado «logosófico». A Logosofia está bastante difundida em Argentina e Uruguai, e agora atinge nosso país. — O ENSAÍSTA austríaco (naturalizado brasileiro) Carpeaux já entregou ao editor os originais de sua imensa «História da Literatura Ocidental». — TAMBÉM por êstes dias aparecerá novo volume de «A Literatura no Brasil», obra de conjunto, dirigida por Afrânio Coutinho. Três volumes apareceram anteriormente. — ATÉ AGORA, o livro «A Vida Literária no Brasil — 1900», de Brito Broca, editado pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, já recolheu para seu autor os seguintes prêmios: «Prefeitura do Distrito Federal» (50 mil cruzeiros), «Fábio Prado» (50 mil) e «Silvio Romero» da Academia Brasileira de Letras (20 mil). E mais prêmios haja. — APÓS o casamento de Arthur Miller com Marilyn Monroe, novo personagem do mundo das letras desposará uma atriz: o alemão Erich Maria Remarque casar-se-á, se já não se casou, com Marlene Dietrich. — O ÓTIMO Suplemento Dominical do «Jornal do Brasil» completou seu primeiro aniversário sob as ordens do poeta Reinaldo Jardim.

AS PESSOAS



Drummond



Eneida



Satyro

DOIS DEPUTADOS — Ernani Satyro e Rui Santos — terão brevemente romances publicados pela José Olímpio: de Satyro, «Mariana»; de Rui Santos, «Teixeira Moleque». — A MESMA editora prepara para breve quatro livros de cronistas: «Fala, Amendoeira» (de Drummond de Andrade), «100 Crônicas Seleccionadas» (de Rachel de Queiroz), «Aruanda» (de Eneida) e «As Mulheres de Vermelho» (de Dinah Silveira de Queiroz). — O CRÍTICO Antonio Houaiss ministra um curso de Bibliografia, em quatorze aulas, na Biblioteca Nacional. — APRES- TA-SE a reedição de «Velórios», o livro de contos de Rodrigo Melo Franco de Andrade, publicado em 1927 e desde então esgotado. Rodrigo, hoje Diretor do Serv. do Patrimônio Hist. e Artístico Nacional, aposentou-se nas Letras. — INTERESSANTE CONTROVÉRSIA vem se mantendo há tempos através dos vários suplementos literários da cidade: o chamado «romance nordestino» morreu, ou ainda continua atual? Para nós, não há dúvida: morreu devido à seca. — ENEIDA perguntou a vários escritores o que achavam de José Veríssimo, o crítico cujo centenário êsse ano transcorre. A resposta, de modo geral, foi favorável ao autor de «História da Literatura Brasileira», obra que mereceu há alguns anos uma edição da Livraria José Olímpio, literalmente cheia de erros de revisão. O colunista acha Veríssimo superior a Romero em muitos pontos, mas não lhe perdoa o empolamento da linguagem, que chega, por vèzes, a ser inteiramente pedante. O paraense, se errou em muitos juízos, tinha um espírito de concisão que Silvio Romero ou desconhecia, ou desprezava. — A EXEMPLO do que acontece com o Salão Nacional de Arte Moderna, que distribui todos os anos bolsas de estudo no estrangeiro a dois artistas brasileiros, devia o Governo estabelecer um Prêmio Nacional de Literatura, destinado a contemplar um escritor moço, autor de obra notável, com uma viagem ao estrangeiro. O prêmio em questão já existe na Argentina e na Suécia, por exemplo. Por que não existirá entre nós? Sômente os artistas plásticos precisam conhecer outras terras? — FOI LANÇADA, em meio a um almoço de confraternização, a edição bilingue «Contistas Brasileiros», publicada por iniciativa de «Revista Branca», com a colaboração do Instituto Nacional do Livro.

DAMOS HOJE início a uma nova seção, dentro de «Literatura e Arte». Intitular-se-á REVISÃO, nome que por si só bem indica o que desejamos, com ela, fazer: analisar de cada vez um escritor contemporâneo brasileiro, vindo onde residem suas qualidades e seus defeitos, e se aqueles são superiores, ou inferiores, a esses. Não nos apertemos, pelo amor de Deus, a nenhum movimento aparecido há tempos em São Paulo, graças a um grupinho de estudantes ginasiais: move-nos, é fato, o mesmo ímpeto inicial, mas buscamos finalidades diferentes. Se conseguirmos espraiar essa iniciativa a outros intelectuais, se deles obtivermos apoio e compreensão, estaremos atingindo o fim dessa série de Revisões, que é fazer com que todos os escritores nacionais — absolutamente todos — venham a sentir a necessidade de uma revisão de valores, que separe a era má da de boa qualidade, os valores verdadeiros dos pseudo-valores, os escritores dos escribas. Começaremos a série com uma análise da obra de José Lins do Rêgo, obra extensa e de qualidade heterogênea.

JOSÉ LINS DO RÊGO, escritor paraibano, de 56 anos, é autor, até o momento, de uma dúzia de romances, de vários livros de crônicas, de livros infantis, e de um volume de reminiscências. Mas é sobretudo como romancista que se distingue, e como romancista é que o analisaremos aqui. Dissemos que escreveu doze romances, que são: «Menino de Engenho», em 1932; «Doidinho», em 1933; «Banguê», em 1934; «Moleque Ricardo», em 1935; «Usina», em 1936; «Pureza», em 1937; «Pedra Bonita», em 1938; «Riacho Doce», em 1939; «Água-Mãe», em 1941; «Fogo-Morto», em 1943; «Eurídice», em 1947, e «Cangaceiros», em 1953: doze romances, em cerca de vinte anos, é, convenhamos, uma obra bastante avultada. E, ao que parece, José Lins do Rêgo tem novo romance em preparo — o anunciado «Cêrca Viva».

Podemos dividir os doze romances de José Lins do Rêgo em obras de reminiscência («Menino de Engenho» com todo o restante ciclo da cana de açúcar), obras de ficção própria, dita (de que é exemplo típico «Eurídice», e a que pertencem também «Riacho Doce», «Pureza» e «Água-Mãe»), e obras que misturam a reminiscência, episódios fictícios (e a esse

grupo, bastante menor, estão ligados «Pedra Bonita» e o recente «Cangaceiros»). Não quer dizer que, nos romances do primeiro grupo, não existam acontecimentos inventados pelo romancista, que afinal é um ficcionista, e precisa deles para construir sua obra. Mas, em tais romances, é mínima a parte de elaboração, e quase tudo, a de recordação. José Lins, em «Menino de Engenho», em «Doidinho», em «Banguê», em «Moleque Ricardo», em «Usina» e em «Fogo-Morto» — no Ciclo da Cana de Açúcar, afinal — faz mais obra de memorialista do que de ficcionista; mais obra de sociólogo do que de romancista. O estilo é espontâneo e muitas vezes descamba para o puro e simples descuido: a frase pronunciada pelo jovem estudante José Lins, a respeito da morte de Lima Barreto («Os medíocres têm sua gramática, os escritores, sua linguagem»), em 1922, bem indica, em sua ousadia moça, o pouco caso em que as regras gramaticais sempre foram tidas pelo romancista paraibano. E esse pouco caso dispensado pelo fecundo escritor à gramática é um de seus deméritos, embora contribua, por outro lado, para tornar tão saborosas e autênticas as falas de seus personagens. Em todos os romances citados, em que o escritor evoca a própria terra, a infância, a adolescência e afinal o pleno desenvolvimento de sua personalidade — *pari passu* com o apogeu e a decadência do império do avô, baseado na cana de açúcar — José Lins do Rêgo é um escritor poderoso, não, como já dissemos, um criador, mas um memorialista ou um recriador. Alto é o nível de sua literatura, então — a despeito de a forma de seus romances ser deficiente, a gramática, frouxa, a inspiração em borbotões, mal deixando o escritor em sossego, decerto contribuindo poderosamente para o descuido linguístico do autor.

Já o autor de «Eurídice», «Pureza», «Riacho Doce» e «Água-Mãe» é menos forte. «Eurídice», história passada no Rio de Janeiro, é artificial e acanhada, como enredo e como exposição: as qualidades de José Lins do Rêgo não aparecem nesse livro, onde, pelo contrário, seus defeitos estão patentes; «Pureza» é um episódio trivial — o rapaz que chega, em busca de saúde, à cidadezinha do interior, onde termina por se ligar à noiva de um morador local — mas o romance paira bastante acima

dêsse medíocre «Eurídice»; em «Riacho Doce» e em «Água-Mãe», afinal, a força poética de José Lins — lado a lado com seu relaxamento formal — está presente. Esses dois romances são casos únicos na obra do romancista, e, até certo ponto, o que de melhor produziu, se o considerarmos como romancista propriamente dito, isto é, como escritor que elabora uma história e a desenvolve em termos de ficção.

«Pedra Bonita» e sua continuação, «Cangaceiros», nada acrescentam ao renome de seu autor. Quinze anos se passaram, entre eles, e nenhuma mudança sensível na prosa de José Lins do Rêgo pode ser verificada, pelo exame dos textos: a mesma linguagem, a mesma maneira de atirar as frases ao papel, segundo o instinto (a Razão mal podendo dirigir as catadupas de linhas, que poucos linotipistas conseguem decifrar, diga-se de passagem...), as mesmas características de lirismo e dramaticidade, já presentes em seu primeiro romance.

A bem dizer a verdade, José Lins do Rêgo é senhor de um único tema, que vem explorando desde 1932: o Nordeste, o Ciclo da Cana. Esse tema propiciou-lhe o ensejo de se mostrar um escritor fecundo e de valor, esse tema evitou que José Lins seguisse o rumo que só mais tarde haveria de tentar — sem êxito — em «Eurídice». Porque José Lins do Rêgo só sabe escrever sobre o que já viveu. Não é romancista de imaginação, de longos vôos de elaboração mental. Não: seu fôlego é curto, ele prefere recordar a criar. Terá seus motivos, que respeitamos. Afinal, várias são as estradas do Romance, e romancista é tanto o que tira do nada, como o que palmilha a própria vida, recriando-a em termos de literatura. Respeitemos José Lins do Rêgo: ele é um dos autênticos valores da Literatura Brasileira contemporânea, senhor de um vocabulário todo seu, homem autêntico e, resumindo tudo: um escritor.



OS LIVROS



Crítica Literária: ANOTAÇÕES DE LEITURA, de Renato Jobim.

O JOVEM colunista Renato Jobim vem publicando, há quase dois anos, no suplemento dominical do «Diário Carioca», uma série de ensaios sobre literatura. São artigos curtos, mas que denotam a inteligência e o senso crítico de quem os escreve. Alguns desses artigos acabam de ser reunidos em livro — «Anotações de Leitura» — e editados graças a «Revista Branca». Renato Jobim está a meio caminho entre o crítico, e o simples noticiário literário. O atual é seu primeiro livro (Revista Branca, 1957. Capa de Orval. 110 páginas).

Romance: MARCORÉ, de Antônio Olavo Pereira.

O TÍTULO algo estranho dêsse segundo livro de Antônio Olavo Pereira (o primeiro foi «Contra-Mão», e lhe valeu grandes encômios de um Sergio Milliet, de um Lins do Rêgo, etc.), é a abreviatura, a simplificação, do nome «Marco Aurélio», núcleo de todo o enredo, a despeito de só aparecer no romance do meio para o fim. «Marcoré» é livro escrito na primeira pessoa — e muito bem escrito, diga-se logo de passagem. Impossível não aproximar o estilo de Antônio Olavo Pereira ao de Graciliano Ramos, por exemplo. Um e outro escritores utilizam-se de uma linguagem simples, mas escorreita, dão vazas aos sentimentos mais

recônditos com propriedade e justeza. Prosador excelente, Antônio Olavo Pereira conta-nos a história de um oficial de cartório, vivendo em cidade do interior paulista, que tem sua vida totalmente torcida, com o nascimento de um filho, dez anos após o casamento. É um autor pessimista, sem nenhuma piedade para com personagens ou leitores. Por vezes irônico, de uma ironia cáustica e implacável, Antônio Olavo Pereira consegue, com «Marcoré», reafirmar suas qualidades de romancista introspectivo de apurado valor. Mas sua falta de fé, seu pessimismo enervante, de certo modo enfraquecem o livro, mensagem negativa numa era onde novos e amplos horizontes abrem-se a nossos olhos (José Olímpio, 1957. Capa de Danilo. 265 páginas).

Tradução: ILUMINAÇÕES e UMA TEMPORADA NO INFERNO, de Rimbaud, traduzidas por Léo Ivo.

IMPORTANTE ACONTECIMENTO é a tradução, para o português, de duas obras-primas da poesia de todos os tempos, ambas devidas a Arthur Rimbaud: «Iluminações», e «Uma Temporada no Inferno». Dessa última obra, já Xavier Placer apresentara uma versão, há alguns anos, pelos conhecidos «Cadernos de Cultura». «Iluminações» é traduzida pela primeira vez entre nós. Léo Ivo, cujo primeiro livro de poemas «As Imaginações», 1944 — já trazia uma epígrafe de Rimbaud — «Je suis maître en phantasmagories» — era o poeta brasileiro indicado para realizar a tradução das duas obras-primas rimbaldianas. Fê-lo de maneira superior, respeitando ao máximo o original, e encontrando, em nosso idioma, expressões poéticas que correspondem aproximadamente às utilizadas pelo autor do «Bateau Ivre». Uma longa e interessante introdução («Uma temporada em Jean-Arthur Rimbaud») abre o volume (Civilização Brasileira, 1957. Coleção Obras Imortais, nº 27. Capa de Nora Rónai. 155 páginas).

LEIAM

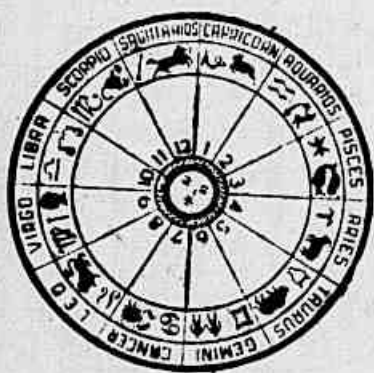
EU SEI TUDO

DE JUNHO

- UTILIDADE DOS DETRITOS DA INDÚSTRIA ATÔMICA
- ESTÃO FALANDO DE OUTROS PLANETAS
- NÃO HÁ DIFICULDADES COM OS «FILHOS PREMATUROS»!
- COMO FUNCIONA UM DISCO VOADOR?
- QUANTOS GERMES SÃO TROCADOS NUM BEIJO?
- VITÓRIA AMARGA DE ISRAEL — A «OPERAÇÃO KADESH»

PREÇO CR\$10,00

REDAÇÃO — MARANGUAPE 15 — 1º ANDAR



A ASTROLOGIA É UMA CIÊNCIA POSITIVA. Todos têm épocas favoráveis em sorte, negócios, amizades etc. Porém nem todos conhecem as suas oportunidades. Conheça os meios de vencer os obstáculos da sorte enviando SOMENTE O ENVELOPE SELADO COM SEU ENDEREÇO e data de nascimento para P. EMTE — Caixa Postal, 1.141 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul e receberá grátis, e sem compromisso, a resposta do seu interesse.



APRENDA A DANÇAR

Chá-chá-chá — Dois e Um — Guaracha — Bolero — Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango — Mambo — Baião — Choro — Valsa — Fox — em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 8ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 110,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

SEM COMPROMISSO

Por FERNANDO PAULO

★
YVES MONTAND chegou a Roma ao lado de sua esposa, Simone Signoret. Após um breve repouso Yves Montand iniciará os trabalhos de filmagem na Cinecittá.

★
GINA LOLLOBRIGIDA vem usando, ultimamente, uma série de vestidos de acordo com o seu estado de futura mãe.



★
Rossana Podestà partiu juntamente com Françoise Perrier (na foto) e o marido Marco Vicario para Madagascar. Ao lado de Françoise Perrier, Rossana Podestà fará um filme de aventura. Produção franco-italiana.

★
TENNESSEE WILLIAMS passou alguns dias em Paris, partindo em seguida para o sul da Europa em busca de «sol e de calor». O dramaturgo está escrevendo uma nova obra, que espera concluir antes do fim do verão. Está angustiado com o excesso de peso, o que quer perder imediatamente. Pretende, por isso, restringir sua alimentação. Agora, depois de muito procurar o lugar ideal, resolveu-se pela ilha vulcânica da Sicília.



★
Pablito Calvo, que ora se acha em Nápoles para filmar a película «Um Anjo Caiu em Brooklyn» perdeu um dente de leite. A filmagem esteve paralisada durante vários dias a fim de que um dentista recompusesse a situação.

★
ELIZABETH TAYLOR e seu marido Michael Todd embarcaram em Nova York no transatlântico «Queen Elizabeth» com destino à França, onde passarão todo o verão. A atriz vem acompanhada de seus dois filhos do matrimônio anterior.



★
Edmund Purdom chegou à Itália para participar do filme «Emboscada em Tânger». Gino Cervi e Geneviève Page, que são seus companheiros de trabalho, o encontraram no aeroporto de Ciampino.

(Continua na pág. 37)



Grupo feito no Salão das Rosas, depois de corrido o G. P. Prefeitura Municipal, vendo-se o prefeito Negrão de Lima, o vereador Luís Gama Filho, o presidente Mário de Azevedo Ribeiro, juntamente com os titulares do Stud D. Maurício, ao qual pertence o cavalo «Royal Game», vencedor da prova.

O JOCKEY CLUB AOS PODERES MUNICIPAIS

NO segundo sábado do mês, com a realização do G. P. Prefeitura Municipal, o Jockey Club Brasileiro homenageou os poderes executivo e legislativo da cidade. Depois da prova, a diretoria da sociedade ofereceu um «cock-tail», no Salão das Rosas, ao Prefeito, seu secretariado e aos vereadores. Ao champagne, o presidente Mário de Azevedo Ribeiro saudou os homenageados, destacando o apoio que a nossa grande associação turfista recebe das autoridades municipais. A certa altura, disse o orador: «Com prazer, quero frisar que a tradição de tão bons ofícios continua, sem deslustre, na atual administração. Ao embaixador Negrão de Lima, nosso eminente Prefeito, cabem, desde já, os agradecimentos da diretoria pelas sucessivas demonstrações de apoio e solidariedade com que vem animando os arrojados planos de edi-

ficação da nova sede social. Deve ser, igualmente, ressaltado o interesse que a ilustre Câmara dos Vereadores empresta ao trabalho do Jockey Club Brasileiro na larga esfera de seus notáveis empreendimentos». Ressaltou, ainda, que as concessões feitas pela legislação municipal resultaram em acentuado estímulo às mais avançadas iniciativas da sociedade.

O prefeito Negrão de Lima agradeceu a homenagem e enalteceu o valor do Jockey Club Brasileiro, pedindo ao líder da maioria da Câmara Municipal, vereador Luís da Gama Filho, que respondesse em nome dos poderes ali reverenciados, o que ele fez com muito brilho, declarando que, entre as instituições que valorizam a cidade, o Jockey Club Brasileiro ocupava plano superior, assim merecendo o continuado aprêço dos poderes municipais.



O prefeito Negrão de Lima abraça o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, ao concluir este o seu discurso.



O presidente do Jockey Club Brasileiro, sr. Mário de Azevedo Ribeiro, lendo o discurso de saudação ao Prefeito e à Câmara dos Vereadores. O G. P. Prefeitura Municipal foi uma bela festa de confraternização.



Ao champagne, uma saudação cordial, da qual participam o prefeito Negrão de Lima, os vereadores Luís Gama Filho e Edgard de Carvalho, o presidente Mário de Azevedo Ribeiro e o general Batista Teixeira.



LEA E CELMAR OUVEM AS PALAVRAS DO PADRE.

LEA PENNA (a noiva mais bonita do ano) *CASOU COMO ELEGANTE CELMAR PADILHA*

CHEIA A IGREJA DA LAGOA COM O QUE DE MAIS IMPORTANTE EXISTE NO "SOCIETY" CARIOCA ★ AS
MAIS BONTAS PRESENTES: TEREZA DE SOUZA CAMPOS (ENTRE AS CASADAS) E ROZINHA SERZEDELO
MACHADO (ENTRE AS SOLTEIRAS) ★ DEPOIS DO CASAMENTO: COMEMORAÇÃO NO COUNTRY



LEA COLOCA A ALIANÇA NA MÃO DE CELMAR. EDMUNDO DA LUZ PINTO ASSISTE.

REVISTA
DA SEMANA



LEA PENNA, A NOIVA MAIS
BONITA DO ANO, NUMA
FOTO DE YLLEN KERR.



LEA PENNA, CELMAR PADILHA RADIANTES AGUARDAM O PADRE QUE OS CASARÁ.

L

O
DA

Edm

«T
num
Leop
cutiv
prisi
perfe
todos

A
dend
Silve
zedel
Sonir



O LINDO SORRISO DA LINDA LEA PENNA.



S 18 horas a elegante Igreja Santa Maria Margarida já estava repleta. Mulheres elegantíssimas, homens impecáveis, curiosos em quantidade. Casavam-se Lea Penna e Celmar Padilha.

★

Um pouco atrasada chegou a noiva. Lindíssima. Que suavidade. Que pureza. Que bela e extraordinária. O noivo, compenetradíssimo, conversando com o padrinho

Edmundo da Luz Pinto.

★

«Todo mundo» presente. Lourdes Catão e Tereza Souza Campos, num grupo, num duelo eterno e (talvez) inconsciente e involuntário. Leopoldo Modesto Leal (as moças falam muito no seu charme indiscutível), lamentando a ausência da Condessa, que ficou em casa prisioneira de uma gripe importuna. José Augusto e Grace (um casal perfeito) recebendo as manifestações de amizade e de simpatia de todos que os conhecem.

★

A fila dos cumprimentos andando lentamente, os «papos» se estendendo, gente conhecida se encontrando, se revendo. Lilian Xavier da Silveira (com um chapéu exótico), a linda, doce e terna Rozinha Serzedelo Machado dominando o time das solteiras, Eloiza e Vera Dolabela, Soninha Gadelha, Irene Von Delingshausen (sòzinha, por quê?), Gilka

Serzedelo Machado e sua simpatia e autenticidade, Marcos Azambuja (o mais inteligente da nova geração), o simpático Gerardo de Góis.

★

Também sòzinho o famoso Dr. Ivo Pitangui. Dêle, as mulheres se aproximam com um cumprimento, um sorriso de admiração e a vontade (às vezes não revelada) de «sofrer» os cuidados de sua «arte maravilhosas».

★

Tanta gente que é difícil ir anotando. José Alvaro (Vamos falar de mulheres?) colecionando material para um ano de coluna. Moças solteiras suspirando, moças casadas já não suspirando mais, o padre falando, pouca gente escutando, a beleza de Lea resplandecendo, crescendo, dominando toda a igreja.

★

Depois, no Country, os amigos de Celmar e de Lea (todo o clube) prepararam um jantar. Lá para meia-noite, os noivos chegaram de mansinho, foram recebidos com as brincadeiras de costume. Dançaram um pouco (ela dando ensejo a que o Embaixador Edmundo da Luz Pinto ofuscasse a glória de bailarino de Aluizio Salles), quase uma hora foram embora. A senhorita Lea Penna (perdão, sra. Celmar Padilha) mais bonita do que nunca.

RIO DE JANEIRO POÇOS DE CALDAS LINDOIA SERRA

NEGRA AGUAS DA PRAIA BELO HORIZONTE

Sempre às suas ordens!

SÃO PAULO SANTOS SÃO VICENTE



EXPRESSO
BRASILEIRO

JUNDIAÍ

CAMPINAS RIBEIRÃO PRETO SOROCABA

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

BELO HORIZONTE

Av. Ipiranga 885 - Fone 34-1395 | Pça. Mauá (Estação Rodoviária) Fone 23-3912 | Rua Oiapoque 276 - Fone 4-9060

GRANDE FOCO

Transcrito do livro «RACIONALISMO CRISTÃO» (Continuação do número anterior)

Deus é uma entidade que se presta a promover castigos, a estabelecer perdões, a distribuir graças, a lavar condenações ou absolvições em caráter eterno ou temporário, de acordo com um plano engenhoso, idealizado com especial astúcia, por autênticos materialistas, para produzir régios proventos monetários.

Grandes espíritos, movidos por ideais reformadores, baixaram à Terra, encarnando com enorme sacrifício, para se empenharem na desbrutalização da mente humana, que se encaminhara, materializada, pelas veredas da sensualidade; mas além de não serem compreendidos, ainda acabaram divinizados pela massa ignara, como aconteceu a Cristo, a Buda, a Confúcio, a Maomet.

Depois de concebida a idéia da divinização desses espíritos superiores citados, foram criadas as religiões respectivas, que correspondem a várias formas especulativas de adoração. Em seguida, somaram-se os adeptos. Num mundo como este, em que se misturam almas encarnadas de várias classes, e em que, a maioria vive, ainda, mais para a matéria do que para o espírito, não foi difícil agregar sob a flâmula de cada uma das religiões, milhões de adoradores.

Para só citar algumas dessas religiões, são os seguintes os dados aproximados das suas legiões (*):

Muçulmanos	320 milhões
Confucianos	315 »
Católicos	300 »
Brâmanes	256 »
Protestantes	160 »
Budistas	150 »
Ortodoxos	128 »
Tacistas	50 »
Xintoístas	25 »
Judeus	15 »
Diversas	436 »

Há, ainda, muitos milhões de adoradores que se acham distribuídos por cerca de oito mil seitas, em todo o planeta.

(*) Quadro organizado pelo *Information Please Almanack*, edição de 1950, da Macmillan Co., de Nova York, pág. 667.

No Brasil, adora-se o Cristo, mas não há diferença entre estes adoradores e aqueles outros que adoram Buda, Confúcio e Maomet. Movem-nos os mesmos interesses, as mesmas preocupações.

E no fundo, por trás das aparências, está a ação bajulatória dirigida a esses grandes espíritos, nessa forma de adoração, na esperança de receberem, com isso, seus adoradores, maiores recompensas ou galardões. Com essas atitudes sabujas o ser religioso e deísta e exercita numa prática destrutiva de enfraquecimento do caráter. Todo o ser humano, medianamente esclarecido, repele, intimamente, qualquer ação adulatoria que lhe seja dirigida; pois, se assim é, quanto maior não terá de ser a repulsa que tal ato produzirá num espírito altamente esclarecido como é o de Cristo!

(Continua no próximo número)

CIENTISTAS SEM CIÊNCIA

◆ Há uma longa estrada a palmilhar para acompanharmos os progressos do Espiritismo-superstição até ao Espiritismo Ciência, como também existe a separá-las uma longa distância entre a medicina sacerdotal dos Asclepiades e a ciência instaurada por Hipócrates, melhorada por Pasteur e completada já hoje, com a contribuição maravilhosas do estudo psíquico do ser.

«É o Espiritismo-Ciência, como disse Pinheiro Guedes, «que nos faz compreender melhor o mecanismo das funções orgânicas ou psíquicas e as relações da alma com o corpo, cujas perturbações são causas predisponentes e até determinantes de estados mórbidos.»

O grande erro enfiado pelo dogmatismo das Escolas, impedindo que os novos sacudam ou até renovem, o que há de errado nos seus princípios, está em proibir qualquer estudo científico no terreno do psiquismo desde que fuja ao campo experimental traçado pelo clássico paralelismo psico-fisiológico. Sempre se afirmou haver uma correlação estreita entre o cérebro e o pensamento, aferindo-se a atividade psíquica à proporcionalidade do trabalho dos centros nervosos. Isto manteve-se de pé até ao século XIX mas no dealbar do século atual a psicologia antiga fracassou diante do volume de fatos que a contradizem. Eis por que o materialismo médico é insuficiente para explicar os enigmas da personalidade, mas, embora reconhecendo a sua insuficiência o orgulho acadêmico, manobrado pelos mestres do dogmatismo, não permitiu em nosso meio, que uma tese sobre Espiritismo fosse até hoje defendida nos templos de Hipócrates.

NOTA — Cientistas sem Ciência — crítica às afirmativas da ciência materialista, mostrando a influência psíquica em numerosas enfermidades — 4ª edição, 249 páginas, Cr\$ 25,00. Cada volume, pelo correio, custa mais Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros). Para o estrangeiro, mais Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros). As remessas deverão ser feitas por vale postal, valor declarado, ordens ou cheque nominal, e nunca em cartas de portes simples, e endereçadas ao Centro Redentor, à rua Jorge Rudge, 119, Rio de Janeiro.

SEM COMPROMISSO

(Conti. da pág. 28)



★
A RAINHA ELIZABETH, da Inglaterra, completou trinta e um anos no dia da Páscoa. O acontecimento foi comemorado no Castelo de Windsor com uma festa em família, enquanto bandas militares tocavam marchas no parque.
★

Marilyn Monroe conseguiu que Milton Green aceitasse o lugar de Vice-Presidente das «Produções Marilyn Monroe». A atriz possui 50,4 por cento das ações da sociedade, enquanto Green dispõe de 49,6 por cento.



★
JACQUES PICCARD, filho de Augusto, acaba de chegar a Castelamare, proveniente de Stabia, juntamente com sua mulher, a fim de concluir os preparativos para a imersão a grande profundidade que realizará no início do verão no batiscado «Trieste». Jacques Piccard confirmou que entre seu pai e o astrônomo francês Audonin Dolfuss existe um acordo pelo qual os dois tentarão efetuar uma ascensão de cerca de trinta mil metros num balão estratosférico especial.
★

Jayne Mansfield deverá assinar milhares de autógrafos por ocasião da estréia do seu filme «O Espírito de Saint Louis». Mas o seu parceiro, Mickey Hargitay, acredita poder facilitar-lhe a tarefa.



★
TINA e Arp Onassis, Eugenia e Stavros Niarcos, depois de passarem a Páscoa na Itália, partiram para Sevilha, onde, por ocasião da feira sevilhana, encontrarão muita gente grande do mundo europeu. Para Sevilha partiu também Pamela Churchill.
★

Robert Strom bateu o recorde-cifra de 192 mil dólares, na TV americana, respondendo perguntas sobre ciência. Robert Strom conta apenas dez anos de idade.

DOEM-LHE OS PÉS?

Extraordinário
e
Pronto Alívio



Calosidades, Dor, Assaduras, Sensibilidade ALÍVIO SUPER-RÁPIDO!

Proporcione alívio super-rápido às calosidades doloridas, sensibilidade ou assaduras na planta dos pés usando os Zino-pads Dr. Scholl. Maravilhosamente macios, protegem e removem as calosidades pelo processo natural da reabsorção.



Alivia as calosidades



Mais conforto com o salto alto

Sofre de um desses males dos pés?



ARCOS DÉBEIS

Os Suportes de Arco Dr. Scholl, combinados com exercícios apropriados, aliviam o cansaço, pés doloridos, dores nas pernas e nos pés - causados por debilidade ou queda dos arcos



UNHAS ENCRAVADAS - Algumas gotas do Onizol Dr. Scholl proporcionam no canto da unha pronto alívio, reduzem a inflamação, ajudam a cicatrizar



JOANETES - O Redutor de Joanetes Dr. Scholl alivia a dor, protege a articulação dos ossos contra a pressão e fricção. De borracha cirúrgica, muito macio



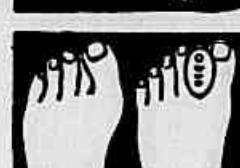
PROTEÇÃO - ALÍVIO - O Kurorex Dr. Scholl alivia a dor e protege contra a fricção e a pressão causadas pelo calçado. Fácil de aplicar



PÉS CANSADOS, DOLORIDOS - Pó Dr. Scholl para os pés. Refresca e acalma. Alivia rapidamente a sensibilidade. Torna as meias de nylon mais confortáveis.



PÉS DOLORIDOS, SENSÍVEIS - O Pedicreme Dr. Scholl alivia os pés sensíveis. Refresca, cicatriza, impede assaduras e bolhas. Evanescente, inodoro.



DEGOS DEFORMADOS - O Toe-Flex Dr. Scholl ajuda a corrigir dedos deformados e alivia a dor proveniente do joanete. Feito de borracha macia.



COCEIRAS NOS PÉS - O Sol-ver do Dr. Scholl alivia a coceira, mata o parasita e auxilia a cicatrização das feridas e rachaduras dolorosas e irritantes.



Todas as lojas Dr. Scholl para o Conforto dos Pés oferecem demonstrações gratuitas, inclusive um teste completo do pé, sem qualquer compromisso. A causa do seu problema será explicada, e demonstrar-se-á o remédio ou aparelho convenientes. Serviço de pedicure.

DEMONSTRAÇÕES
GRATUITAS

Lojas Dr. Scholl

PARA CONFORTO DOS PÉS

RIO DE JANEIRO
RUA S. J. 114

RUA BUENOS AIRES 114

LA-584

CRÔNICA

CHUCA

● Havia de ser o tempo, tempo bicho inimigo do homem. Acordamos velhos depois daquela noite alegre. No dia seguinte o bar era um deserto enorme. Um frio de quarta-feira de cinzas em todos nós, fêz de cada um homem, um homem de horário. Procuramos o canto, o lugar de ser sempre e lá estava o prato à mesa, na mesma espera de sempre. E fomos ficando e ficando mais e mais, na esperança de uma noite melhor, de calor mais intenso para sede bem grande, para as nossas bôcas desidratadas. A vitrola nos espia como inimiga antiga; mas há um correr de crianças, um vento bom como era o de outrora da casa antiga, de tempos outros de uma infância tão divorciada de nós. A rua é que foi nossa depois; rua e beco de fazer poesia, cantos escuros, casas suspeitas, mulheres de tôdas as formas, côres, nomes, tamanhos, cheiros. Era a rua com a noite num presente de boêmia apressada. E nela ficamos e nela gastamos a vida. Lembro-me de uma mulher antiga que me chamava "chuca". Sentia-me menino com o nome, um palhaço curado de dor do peito, com o nome. Sabia de seus segredos e de seus carinhos. Mas ela se foi, ficou com a noite, perdeu-se dentro dela e talvez, quem sabe, em Stambul esteja hoje chamando um inglês ou um francês, bêbedos, de "chuca" também. Era a música que tinha de nome a chamar. Ontem encontrei pessoas que há muito não via. É que a vida passou a ser em duas extremidades. Caminhamos de uma ponta para outra e caminhamos sentados. Vivemos sentados no trabalho, no bar, no lotação até que, dormimos, sentados às vezes também. Parei no meio da jornada. Encontrei caras antigas na

Cinelândia. Cabelos brancos, rostos mais rígidos, velhice à mostra, sem nenhum trastejo. Lembrei-me de um velho samba:

"nos olhos das mulheres,
no espelho do meu quarto
é que eu vejo a minha idade..."

Contar nos dedos o tempo passado! Sentimos às vezes que nada passou. Amanhecemos velhos, já disse, pela fuga do bar. Passamos mais lisos de rosto, mais limpos de colarinhos. É a televisão que nos chama! É o noticiário da Rádio Globo que nos vai informar como anda este Brasil e este mundo! São as vozes dos cantores, são as músicas que nos seduzem. É que lá fora, a rua é agora um deserto enorme, sem vozes, sem música, sem chamados. E nós? E os outros? Os outros passam em bandos. Vão de bicicletas, de lambretas e voam com o vento. Nós assistimos a parada imensa e sentimos frio e sedução de fazer sentido. Amanhecemos velhos e tudo que foi música e vozes, cantos e juras, são ventos que sopram longe e mais longe. Não escutamos. Se correremos atrás do tempo distante, tropeçamos ridiculamente, e fazemos rir quem é novo, belo, liso, forte, certo, firme. Seremos o palhaço Carequinha e Fred, seremos talvez e até o homem chamado "chuca", um palhaço que se reproduz noutros corpos, de outras formas, de outras raças e côres. Fiquemos até aqui na espera decente da resolução honesta da espera heróica. Não machuquemos as flores. Elas são belas.

EM MATÉRIA DE DISCOS

A visita de Teddy Reno ao Brasil, em fins de 1956 veio confirmar ao público brasileiro, toda a simpatia e toda a fama de que era precedido. De fato, Teddy Reno em sua primeira temporada no Brasil, realizada somente em São Paulo, onde atuou pelas emissoras de Rádio e TV associadas, apesar de curta temporada, confirmou as suas características de grande intérprete de canções italianas. E estas são as que podemos encontrar na praça, lançadas pela RGE, e reunidas num LP: «Uma Voz, Uma Canção e Teddy Reno»:

- * «Corde Della Mia Chitarra — Un Certo Sorriso
- * Scusami» — «Un Fillo Di Speranza»
- * «La Cosa Pié Bella» — «Nel Giardino Del Mio Cuore»
- * «Usignolo» — «Un Sogno di Cristallo»
- * «Per una Volta Ancora» — «Serenatella Sciué Sciué»
- * «Suspirando Mon Amour» — «Torarai».



TEDDY RENO

PARA CRIANÇAS

Vem aí para a criançada (mês de julho) mais um disco sensacional que a Odeon acaba de gravar. Trata-se de «O Menino e o Trem», onde vários rádio-atores de renome da Mayrink tomam parte e onde também vai se encontrar uma maravilhosa e bem cuidada partitura de Léo Perachi, para uma narração de Aloísio de Oliveira.

DA COLUMBIA

- * «LEVANT TOCA GERSHWIN»
(Rapsódia Azul)
(Um Americano em Paris)
(Concerto em Fá para Piano e Orquestra).
- * «SEDUÇÃO DOS TRÓPICOS» — André Kostelanetz e Orquestra.
- * «The Moon of Manakoora»
- * «Lotus Land»
- * «Kashmiri Song»
- * «Jamaican Rumba»
- * «Malagueña».

QUATRO INSTANTÂNEOS FAZEM NOTÍCIAS



A FOTOGRAFIA (à esquerda) foi tirada no dia do lançamento do novo «Clube do Samba» (Rádio Nacional, Sextas-feiras, 21:35). Aconteceu um coquetel à imprensa depois daquele programa que divulga e defende a música popular brasileira. Podemos ver, da esquerda para a direita, Ataúlfo Alves (Presidente), Manuel Barcelos (Secretário), Fernando Lôbo (Fundador), ladeando Olivinha Carvalho.

★
A POPULAR cantora (à esquerda) das Associadas, Dalva de Oliveira, já regressou da sua viagem à Argentina, onde foi novamente gravar com a Orquestra de Francisco Canaro (Odeon). Dalva já reiniciou as suas atividades ao microfone da Tupi e sem dúvida caminhando para os programas da TV-Canal 6. Vemos na fotografia o nosso Carlos Frias quando a entrevistava no aeroporto.



★
TRÊS CARTAZES (à direita) autênticos estão juntos neste grupo. Rodolfo Mayer, que foi homenageado pelos seus colegas, por conta de «O Médico e o Monstro», essa beleza de Gilda Valença, que fez «A Severa» e Jacy Campos, o homem da «Camera Um», sem dúvida o programa mais ousado do Canal 6 e por isso combatido por uns, aplaudido por muitos.



★
E O NOSSO (à direita) amigo Bienvenido Granda não deixou de comparecer, com seu discutidíssimo bigode, ao Programa Manuel Barcelos (Quintas-Feiras, na Rádio Nacional). Aqui está ele, depois de apresentado pela estrelíssima Heleninha Costa (Este Mundo é uma Bola) e o querido animador e nosso presidente Manuel Barcelos. Bienvenido alcançou um sucesso enorme.



UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES

STELINHA EGG E UM DESTINO DE CIGANA — O MUNDO É PEQUENO PARA AS SUAS ANDANÇAS — VEIO DO PARANÁ E CANTOU SAMBA NA CHINA — ENQUANTO O GAIA JOGA XADREZ

Veio do Paraná uma menina ligeira como uma borboleta. E até hoje parece ter asas também. Aquêles olhos azuis que ela ganhou na sua terra, queriam dizer ganância de entrar para o rádio, cantar bonito e fazer bonito. Naquele tempo — ah! por que falar desse maldito tempo? — o rádio era um paraíso pequeno, sem grandes amarras, sem horários muito rígidos e sem essas brigas enormes que existem agora, por conta de querer mais degrau, mais alto, mais para cima. Ganhava-se pouco, mas a conversa era longa. Stelinha Egg começou na Rádio Tupi, uma Tupi onde se trabalhava de mãos dadas e quando cada um tinha a curiosidade de fazer melhor sem olhar muito para o faturamento. Ali ela deu os primeiros passos e ao lado de Carolina Cardoso de Menezes cantou as mais bonitas páginas que esse Brasil ganhou por conta de compositores anônimos.



Um dia desses ela resolveu bater asas pelo mundo afora. Já havia incorporado à sua quadrilha o maestro Gaia, seu marido no civil e no religioso e com ele ao piano, as músicas de baixo do braço e aquela vontade de ver terras, saiu por aí. Viu «Oropa, França e Baía». Cantou nos grandes centros do mundo, fazendo filmes em Paris, dando audições na Alemanha, mostrando

nessa língua danada que é a nossa o que era um samba, o que queria dizer baião, e o que qualquer um poderia descobrir de belo numa ingênua canção da terra. Depois, passou às variadas cortinas de ferro,

sem que o ferro lhe enferrujasse a vontade. Cantou em Moscou, num mundo de cidades da China e depois de uma longa viagem, só de ganância, bateu asas e voltou para o seu Brasilzinho tão grande e amado. E aí está. Agora mesmo ela nos deixa mais uma das suas gravações, tão bonita quanto as anteriores. E nos conta, sem juntar a chamada reportagem, que recebeu notícias da China e que lá os artistas da «Ópera de Pekim» mandam dizer que estão cantando samba em chinês e em português. Stelinha, por onde passou, deixou discos e músicas, num trabalho de graça para a música popular brasileira que nunca esteve em pauta nos traçados de propaganda dos homens que dirigem ou que decidem o nome do Brasil lá fora. Mas o Brasil vai bem direitinho, marchando assim feito menino enfeitado, e de quando em vez ganhando uma babá carinhosa, como essa Stelinha Egg que o leva a passeio pelo mundo, para que o mundo pense menos no Jeca Tatu que disseram ser ele e não acredite nas cobras e lagartos que passeiam as nossas ruas mais movimentadas. E fez tudo isso sem faixa e sem coroa. E o maestro? O maestro Gaia voltou também com ela, e, nesta altura, está fumando calmamente o seu cachimbo e calmamente se batendo numa partida de xadrez, no seu clube. E o mundo está lá fora.

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, é o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sólidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SAO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



HOMENAGEADA A SENHORA MÁRIO RIBEIRO

Os jornalistas acreditados junto ao Jockey Club Brasileiro prestaram carinhosa manifestação de apreço à gentilíssima esposa do dr. Mário de Azevedo Ribeiro, cuja ausência das sociais do Hipódromo, motivada por doença, há muito estava se fazendo sentir. Senhora de fino trato, particularmente cordial com os profissionais da imprensa, foi justa e merecida a homenagem, que constou da entrega à ilustre dama de uma caixa de orquídeas. Expressando o sentimento dos seus colegas, falou o jornalista Gerson Cordeiro, tendo d. Chiquinha agradecido, muito comovida, a delicada lembrança.



EM MEMÓRIA DE ROBERTO SIMONSEN

No novo aniversário da morte do grande líder industrial, sociólogo, político, escritor e economista Roberto Simonsen, a Federação Nacional da Indústria reverenciou-lhe a memória com várias solenidades. No salão nobre da CNI, hoje denominado Auditorium Roberto Simonsen, em homenagem ao ilustre desaparecido, realizou-se solene sessão, quando foram entregues aos seus familiares medalhas comemorativas. O prof. Renato Sampaio dissertou sobre a vida e a obra do extinto. Foram instituídos o Forum Econômico Internacional e um curso de Altos Estudos Econômicos, concretizando-se a Fundação Roberto Simonsen. Na foto, o sr. Eduardo Simonsen, filho do eminente homem público, quando agradecia ao sr. Lídio Lunardi (à direita), presidente daquela casa da indústria, as expressivas homenagens prestadas ao seu falecido pai.

POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro
tesouro!*



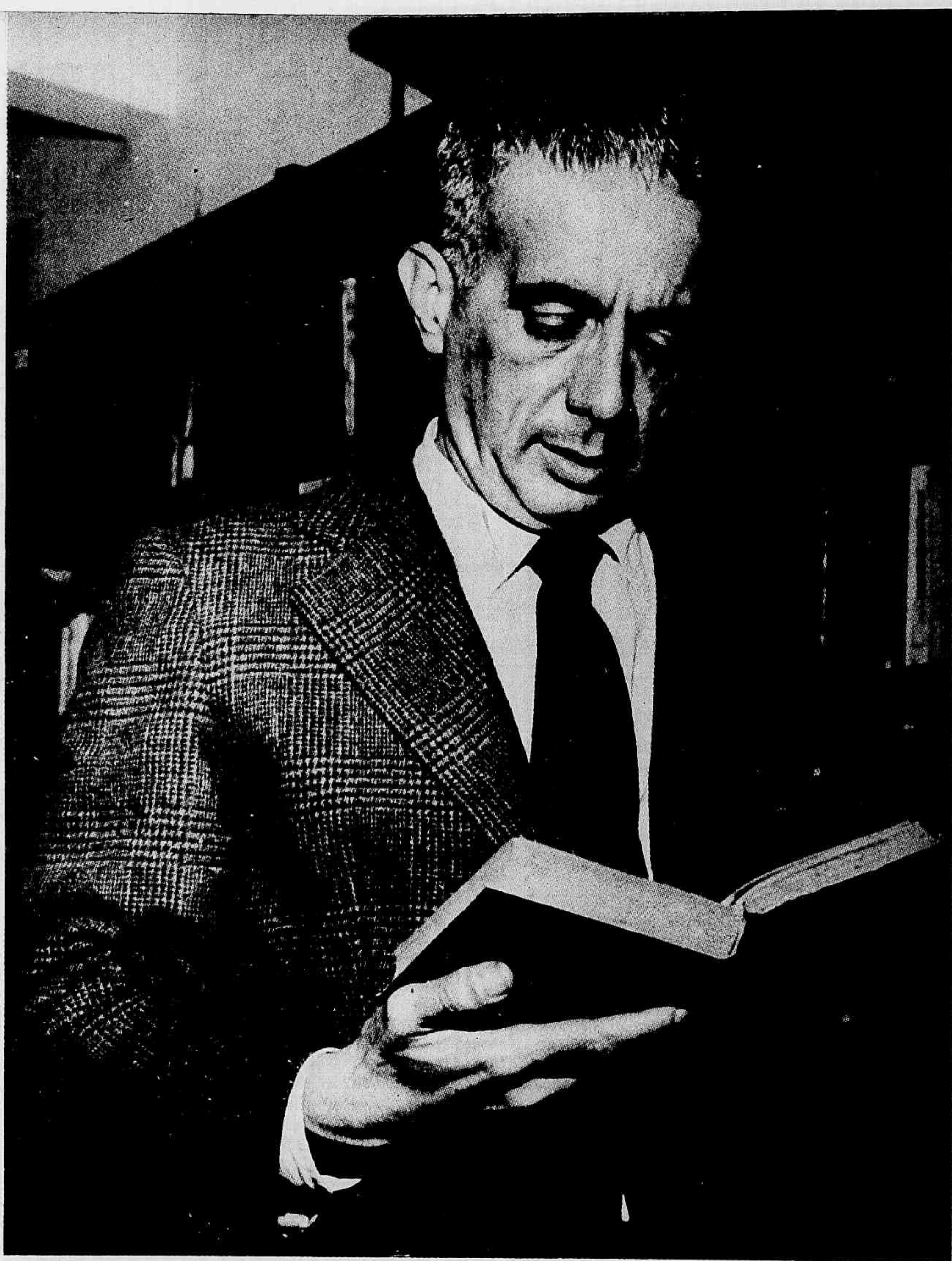
PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

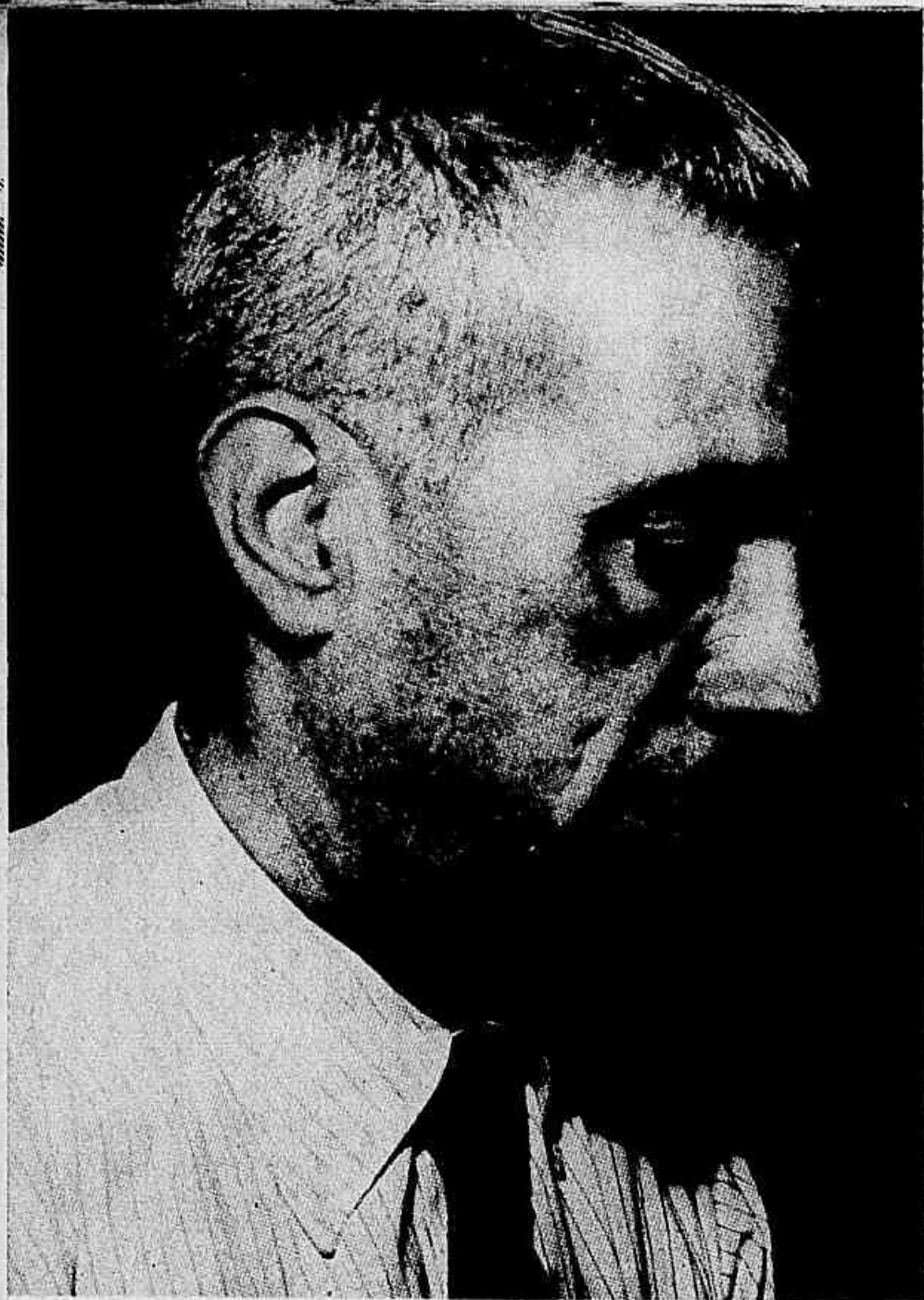
O PREÇO DAS EN-
TRADAS E O PÚBLI-
CO ★ A RESPONSA-
BILIDADE DE SER
CRÍTICO ★ COLO-
NIALISMO EM TEA-
TRO ★ A INFLUÊN-
CIA ESTRANGEIRA ★
PROCÓPIO: A VELHA
GERAÇÃO ★ NA PRA-
ÇA TIRADENTES
NÃO EXISTE VON-
TADE DE ACERTAR

Por PAULO FRANCIS

Fotos de
JOSÉ DE ALENCAR



GUSTAVO DORIA APONTA OS ERROS E DEFEITOS DO TEATRO BRASILEIRO



GUSTAVO DÓRIA

GUSTAVO Dória milita na crítica de teatro, pertencendo à oposição: isto é, não se satisfaz com a entidade de críticos, como existe. Quem pode recriminá-lo? Dória descreve a utilidade de polémicas em jornal, sobre o assunto. Prefere a reforma efetuada intramuros, à revolução vinda de fora. Como conseguir isso, passando por cima dos interesses, dos preconceitos e da incultura da maioria dos críticos, permanece o problema. Enquanto espera o milagre, Dória resiste às caduquices e negociatas. Há tempos, sem perder a calma, escreveu o atestado de óbito do teatro no Brasil, como é perpetrado por retrógrados e ignorantes em geral. Se o leitor imagina que divergências entre críticos não lhe dizem respeito, engana-se. A crítica é o espelho da mentalidade do teatro; esta se reflete nos espetáculos que o leitor paga Cr\$ 120,00 para ver. Cada teatro tem os críticos que merece e vice-versa. As atividades de Dória não estão limitadas à crítica. Ele participou de «Os Comediantes» e do «Teatro de Câmara», iniciativas que influíram na mentalidade do teatro, no Rio: uma, importando técnicas de encenação e repertório próprios à época; outra dando oportunidade ao autor nascido no Brasil de se desenvolver. Hoje, Dória ensina na Escola Martins Pena (Prefeitura), dirigindo anualmente as provas públicas de seus alunos. Dos espetáculos que realizou, «Antígone», de Anouilh, foi o que assistimos. Neste, o ponto de vista de Anouilh sobre o Direito do Indivíduo e o Direito do Estado era exposto e coordenado em cena. Havia estudantes no mesmo, como a protagonista, o «Creon», e o Côro, que poderiam fazer carreira. Em suma, o espetáculo valia por um exemplo de teatro feito por estudantes. Nenhum outro propósito animou o crítico a realizá-lo. Dória muito tem a dizer aos leitores sobre a «Revisão do Teatro Brasileiro», que nos propusemos incentivar.

PERGUNTA 1 — Que atitude deve assumir o crítico em face de peças, espetáculos e movimentos de teatro? Deve julgá-los pelos seus «standards» de gosto e de cultura, como espectador que paga Cr\$ 120,00 para ver peças e espetáculos que correspondam em qualidade ao preço que pagou (o mesmo espectador vê peças e espetáculos profissionalmente realizados em filmes americanos ou europeus, por Cr\$ 18,00). Ou deve assumir o papel de pedagogo, escrevendo para a classe teatral, sem investir de fato contra o que é ruim ou meramente embrionário, com a esperança de que se torne bom se for estimulado e devidamente orientado?

RESPOSTA — O crítico no exercício de suas funções, sejam de aplicação científica, literária ou artística, não pode nunca usar os «seus» próprios «standards» de gosto. O seu trabalho terá maior ou menor relevância conforme o seu grau de cultura e a sua isenção, liberto de quaisquer compromissos. O gosto pessoal, no caso, não pode ter a menor influência; muito menos a tendência ou escola a que pertencer o crítico, quando estiver apreciando trabalho oriundo de tendência ou escola diversa. A crítica não é uma discussão de princípios, porém um estudo de finalidade objetiva.

No caso do espetáculo teatral, o crítico deve se colocar na situação de um espectador privilegiado, isto é, aquele que foi chamado a emitir opinião. E como o espetáculo é realizado em função do público, deve ele levar em conta, diversos fatores paralelos à análise, como o meio ambiente, a maior ou menor expansão da arte dramática local, etc. Não pode nunca ser um pedagogo, no sentido exato do vocábulo, pois que, criticar não é ensinar. Será quando muito, estudar, lançando mão da análise como elemento de contribuição a um resultado certo.

Não vejo, outrossim, na crítica, uma função de polícia e muito menos de julgador. «Investir de fato contra o que é ruim ou meramente embrionário» representa uma atitude policial de choque. Prefiro, por isso, ficar com Lessing e o seu princípio sobre a «crítica produtiva» ou o que outros denominam de «crítica criadora». Isto, entretanto, não significa o abandono do direito de apontar o que se revela pernicioso e destrutivo.

No caso nacional, exigir uma obra de arte integral, quando mal se começam a firmar os princípios que devem nortear verdadeiramente um espetáculo teatral, parece-me além de absurdo, errado. Estimular os que evidenciam qualidade ou amor pelo trabalho ou quem, levado por circunstâncias várias, enveredou por um caminho errado mas que ao fim de certo tempo demonstra evolução e vontade de acertar,

é uma obrigação. O que me parece inadmissível é usar-se de uma superioridade sem fundamento, ou o de um tom de desprezo como um dar de ombros, atitudes ridículas e quase sempre resultantes de um falso intelectualismo.

PERGUNTA 2 — Você demonstrou o atraso em que se encontra o teatro no Brasil em face das demais artes. Exigiu, praticamente, uma «Semana de Arte Moderna» para 1957. De quem deve partir a iniciativa para a concretização da mesma? Da crítica? Dos profissionais de teatro? Ou de ambos conjugados?

RESPOSTA — Quem sou eu para exigir alguma coisa e o que resultaria de uma exigência de tal importância neste estado de confusão em que nos encontramos? Acho, sim, que permaneceremos num estado de colonialismo, enquanto estivermos realizando espetáculos que nada mais são do que «pastiches» do que se faz lá fora. É imprescindível que o teatro entre nós se situe na posição única que lhe compete, em qualquer cidade do mundo civilizado. Infelizmente, porém, vivemos num permanente estado de incompreensão; de um lado, o teatro servido por uma mentalidade que diremos estritamente comercial. De outro lado, os que reivindicam uma melhor qualidade para os nossos espetáculos, exigindo que da noite para o dia o nosso teatro se transforme no melhor do mundo. Ambos os adversários discutem em termos de torcedores de futebol ou de nacionais de um país onde houvesse uma hierarquia social marcante: nobres e plebeus. Existe muito de ridículo nesse debate que já se prolonga demais e que está a exigir uma positividade de valores. Assim como é preciso combater os que corrompem o teatro, vendo neles apenas uma fonte de lucro, os medalhões, exaltados pelos seus velhos comparsas como «gênios» é preciso que se coloque, nos seus devidos lugares, os falsos intelectuais, que não sendo artistas, sem raízes culturais comprovadas, sem humildade, resolvem tomar atitude de autênticos «parvenus». Existe mesmo, em certos grupos, um tom de «snobismo» provinciano, muito curioso, aliás, como fenômeno social. Creio que, para resolver esse estado de confusão, não seria mal a realização de um seminário, de um centro de estudos com âmbito nacional, onde houvesse uma positividade efetiva e não aparente, de valores. A quem caberia a iniciativa? Não sei. O que me parece justo é que bons e maus se sentassem em mesa redonda e os princípios exatos que devem nortear o teatro ficassem bem claros.

PERGUNTA 3 — Que acha do elemento estrangeiro em nosso teatro? Já preencheu sua função pedagógica no tocante a textos e a métodos de encenação? E' corruptor da língua portuguesa, como dizem os advogados do «teatro é nosso»? Não dá margem a que o autor ou diretor nascidos no Brasil se possam desenvolver como seria desejável?

RESPOSTA — Não tenho motivo algum para repudiar a presença do elemento estrangeiro em nosso Teatro, atuando em qualquer setor que seja. Chego mesmo a julgar que, no tocante à parte técnica, propriamente dita (refiro-me à direção, montagem, etc.), a sua presença chega a ser indispensável, quando a sua contribuição vem de elemento de valor comprovado. E acho desnecessário mostrar o quanto tem lucrado o nosso teatro com essa colaboração. Muito temos aprendido com os que aqui têm vindo e raras, raríssimas, são as exceções.

No tocante à escolha de repertório, parte eminentemente teórica, penso que a influência do elemento estrangeiro, entretanto, pode ser de menor envergadura, pois que cada agrupamento organizado ou que venha a se organizar, tem que exercer a sua atividade em função do público brasileiro e obviamente o empresário nacional, no planejamento de uma temporada, para a qual conta com diretor, cenarista ou intérprete estrangeiro, deve estar muito mais a par do que é possível constituir êxito do que aquele que se encontra há pouco radicado entre nós.

Quanto a ser o estrangeiro um «corruptor da língua», como dizem os advogados do «teatro é nosso», quero crer que v. se refere à prosódia estropiada que vem aparecendo ultimamente em nossos teatros de comédia e cuja causa muitos atribuem à influência do diretor que, como ensaiador, procura também uma valorização do texto, sem conhecer devidamente a língua. Quero crer, não obstante, que para esse defeito recente e que deve ser evitado no teatro declamado, muito contribui a falta de formação adequada de nossos atores, e também a facilidade de assimilação, por parte dos novos (assimilação inconsciente) não somente dos gestos e atitudes dos seus primeiros ensaiadores, como, inclusive, das inflexões. Há ainda os que desejam estudar a voz, procurando para isso os professores da matéria. Acontece, porém, que a escassez é grande, em matéria de técnicos nesse assunto e alguns deles, estrangeiros, mais dedicados ao canto, resolvem que os processos indicados para o teatro declamado são os mesmos. Ora, do estudo da voz decorre uma articulação perfeita. E é a articulação perfeita, que traz a inflexão justa. Como pode um elemento estrangeiro, que não domina perfeitamente o nosso idioma, atingir plenamente esse fim? Acresce a isso o fato de que, apesar dos Congressos já realizados, ainda não possuímos uma prosódia padrão para o teatro. Por isso é que, por várias vezes, tenho salientado a necessidade de, ao lado do diretor-ensaiador estrangeiro, colocar-se um técnico brasileiro para corrigir justamente essa deficiência, que me parece bem séria, porque, inclusive, está criando curioso fenômeno de distorção da língua.

No que se refere à concorrência possível, ao diretor brasileiro e ao desenvolvimento deste, penso que esta não existe, nem existirá jamais. No caso o que conta é talento comprovado e confiança por parte do público e do empresário. E a confiança só se adquire com o trabalho realizado a contento.

PERGUNTA 4 — A velha geração (em mentalidade), Procópio et caterva, pode ainda servir ao teatro de algum modo?

RESPOSTA — Em arte, não pode haver velha e nova geração. Há muito velho de mentalidade moça, como Picasso, por exemplo e muito jovem que já nasce acadêmico. Um artista vive num estado permanente de evolução e não funciona como elemento de sociedade onde haja gradações hierárquicas, onde ele a um determinado momento possa dizer: atingi ao máximo de minha carreira. Por isso acredito que o sr. Procópio Ferreira, como outros atores que cultivam o teatro a seu modo, pode perfeitamente vir a realizar um teatro de melhor categoria. Talento não lhe falta. Basta apenas que se submeta a uma direção consciente e que abandone uma série de recursos em que se fixou, como ator, num comodismo que representa como que uma auto-destruição, a meu ver. O ator inteligente e que ama a sua profissão não cristaliza, não desdenha o seu público e serve o teatro até o fim.

PERGUNTA 5 — Você participou ativamente de «Os Comediantes» e do «Teatro de Câmara», isto é, das companhias que, no Rio, tiveram coerência cultural na escolha de repertório; uma divulgando a dramaturgia européia e americana no que tem de melhor, outra tentando descobrir o autor nascido no Brasil e procurando facultar seu desenvolvi-

mento, encenando-o. Hoje, não temos equivalentes destes movimentos. Qual o remédio?

RESPOSTA — O problema não é bem procurar-se um remédio para repetir as experiências de «Os Comediantes» ou do «Teatro de Câmara». Foram duas experiências que reputo muito sérias, mas que aconteceram quando deviam acontecer. Hoje, talvez, apenas o «Teatro de Câmara», com a sua bela finalidade, ainda pudesse ter cabimento. E isso porque, «Os Comediantes» plantaram realmente uma semente cujos frutos aí estão. Mas o programa do Teatro de Câmara ainda hoje representa a solução de um problema que é vital para o Teatro Brasileiro: a fixação do autor nacional, mas do autor de qualidade. E quando me refiro a qualidade, fique bem claro, não estou pretendendo fazer referência a um teatro intelectualizado ou de fundo «esotérico». Refiro-me ao autor que revela condições para o teatro, em qualquer gênero, seja comédia, ou tragédia. O que o nosso público precisa é identificar os personagens em cena, os seus problemas, o seu clima, sem cair, todavia, no regionalismo puro e simples. Estaremos sempre construindo sobre areia, enquanto vivermos da subcriação do sucesso estrangeiro, do momento. Quero que fique explícito, não obstante, que não sou, como não poderia jamais ser, por formação, por índole ou por dever de responsabilidade, contrário ao repertório estrangeiro. O autor brasileiro vencerá se surgirem novas organizações como o Teatro de Câmara, ou mediante uma premiação oficial, subvenções especiais, etc. Mas nunca, por efeito de um decreto que lhe é humilhante, nos termos em que está elaborado.

PERGUNTA 6 — O teatro-revista, como existe, nada mais tem a dizer. Sua mentalidade pornográfica, o primarismo da crítica política que oferece, seu abandono dos compositores de música popular de valor de Sinhô e Custódio Mesquita, seu desrespeito aos rudimentos da técnica de dirigir e de representar, etc., terminaram por liquidá-lo. Silveira Sampaio provou ser possível uma renovação no gênero. Você crê que a mesma se alastrará, que os donos da Praça Tiradentes e filiais tomarão juízo?

RESPOSTA — Não. Nem creio que exista vontade de acertar, por parte dos que fazem revista na Praça Tiradentes. Entretanto, Silveira Sampaio, em suas duas iniciativas e Carlos Machado com as suas realizações, representam a esperança de que nem tudo está perdido. A questão é quebrar o tabu, ou melhor, a superstição. Os que v. chama de «donos da Praça Tiradentes» são supersticiosos e acreditam que seus espetáculos só vingam porque obedecem a uma rotina da qual ninguém poderá sair, sob pena de morrer; uma espécie de «círculo de giz»... Naqueles dois produtores, em cujos elencos o elemento preto se entrosa com o branco, onde a nota popular e folclórica está sempre presente, através suas histórias, seus tipos, é que reside a esperança dos apreciadores do gênero, em realizações de qualidade.

PERGUNTA 7 — Fale das academias de teatro e do amadorismo entre nós. Quais os seus planos este ano para a Escola da Prefeitura?

RESPOSTA — Começando pelo fim, devo esclarecer que não posso ter planos para este ano, dentro da Escola Dramática Martins Pena, por um motivo simples de que os planos são de alçada da sua Direção. Se v. quer saber, porém, se realizarei algum espetáculo com os alunos daquela escola, aí tenho a dizer-lhe que não. As minhas atividades este ano duplicaram e os espetáculos que ali realizei foram sempre frutos de um trabalho extraordinário.

O problema do amadorismo entre nós já representa porém um capítulo fascinante e sobre o qual eu gostaria de me deter longamente, se isso fosse possível, pois que parece-me chegado o momento de se cuidar de um setor de atividade que é dos mais importantes como contribuinte ao futuro de nosso teatro. O interesse da juventude atual pela profissão teatral é realmente impressionante e creio que deste entusiasmo resultará a positivação do nosso teatro como uma das manifestações de educação do povo. Se levarmos em conta que a média dos pretendentes às escolas de teatro, somente na Capital da República, nos últimos anos, ultrapassa de muito uma centena, compreendemos que já é chegada a hora de se cuidar devidamente dessa geração que pretende o palco, como carreira, regulamentando devidamente o ensino teatral, garantindo aos alunos formados a primazia na escolha dos elencos, bem como facilitando ao amadorismo o incremento necessário, pois que estes, em última análise, representam a cena experimental, são alunos de uma escola ativa cuja finalidade só pode ser o ingresso no profissionalismo. Mesmo porque o diletantismo em qualquer setor de atividade, além de prejudicial é inócuo. Pode ser um princípio mas nunca um fim.



A MOÇA DA SEMANA

Irma Álvarez, beleza portenha do famoso timaço de moças bonitas da "boite" Night and Day, artisticamente despida pelo bom gosto de Gisela.

CONSUMAÇÃO MÍNIMA

Vale a pena assistir-se às exibições de «Los Chavales de España», com a presença bonita e graciosa da bailarina Trini Reyes. Os músicos, que tocam totalmente de orelhada, têm cerca de quatrocentos arranjos musicais nos respectivos «cocos» e isto constitui um prodígio de memória.

★

Somente em agosto deverá sair «Mister Samba», o novo «show» da «boite» do sr. Djalma Monte. Continua em cartaz o «Rio de Janeiro a Miami», aguardando os nove meses.

★

Queixas de Sílvio Caldas. Não lhe teriam dado a necessária cobertura financeira ordenada pelo Catete, para a viagem a Suez. Diz que dispendeu cerca de quatrocentos dólares com o transporte de encomendas para os pracinhas, de Roma ao Cairo. Do seu bolso. E ainda encontrou o Barreto Pinto. Muita coisa.

★

Patachou já contratada para atração das noites do Copacabana Palace, além de Jacques Pills, Katherine Dunham e Dany Dauberson, também programados.

★

100.000 discos elepê já vendeu Waldyr Calmon para a etiqueta «Rádio», da série «Feito para Dançar». O fato inédito entre nós será devidamente comemorado na «boite» Arpège.

★

Pegou a moda das feijoadas sabatinas. Bode Prêto, Night and Day, Recreio, Drink, Fiesta e Cabeça Chata disputam um páreo difícil.

★

Julie Joy cantando no Jirau dos Autuori. Tratando da pacificação política também...

CRÔNICA

O SOLDADO ZERO-ZERO

(Do Maj. Affonso Celso Bodstein, especialmente para «Noite Vadia».)
Pela condensação, Mister Eco).

De há muito os pracinhas o esperavam. Sabiam, pelo que ouviam e liam nos jornais chegados da terra distante, que ele viria, com desprendimento e solidariedade, cantar para os soldados do Batalhão de Suez. Após um sem número de tropeços por ele pacientemente superados, soube-se que o maior seresteiro do Brasil chegaria ao Cairo e logo atravessaria o Canal de Suez, rumo ao Sinai. O Comando do Batalhão enviou um oficial à capital egípcia para conduzi-lo até Rafá. Houve necessidade de um novo passaporte para que o cantor pudesse penetrar na Península de Sinai, pois o Egito não permite que um descrente de Alá, sem mais aquela, venha conhecer esta faixa de Gaza ainda sob o talante das autoridades militares. E Rafá recebeu finalmente o seresteiro. Com ele, os inúmeros volumes, que trazia indistintamente para oficiais, sargentos e soldados. E Sílvio Caldas não parou mais. O Comando organizou intenso programa que ele aceitou com prazer. E foi logo dizendo: «Cumpro ordens do Comando: sou o soldado zero-zero». Vestiu uniforme de pracinha e tomou ares de soldado vivo e esperto. Com o belo violão que lhe deu o Presidente Juscelino, saiu o soldado-cantor divertindo os pracinhas, levando a sua voz até os postos mais avançados da linha de demarcação. Uma das apresentações foi feita no deserto sem fim, sob a luz da lua derramada na brancura da areia. O ritmo quente da música brasileira parecia querer cadenciar o vento, fazendo-o bailar sereno sobre as lonas frias das barracas. Naquele dia, o toque de silêncio veio mais tarde e vieram também lágrimas traiçoeiras encabulando a todos, que soldado também sabe chorar. De outra feita, quase na moita como dizemos na jirã militar, Sílvio Caldas arranhou em dois dias de ensaio um côro de pracinhas, dessa alegre gente carioca que já nasce com o microbio do samba. E quando Sílvio acabou de fazer a sua apresentação individual ao microfone, foi baixando a voz e veio vindo lá de fora um côro de vozes que entoava o último estribilho. A surpresa tomou conta de todos e eram soldados brasileiros com tamborins e reco-reco, cuícas e outros instrumentos de percussão, marcando o ritmo do samba que, agora, todos cantavam e dançavam. Novos «shows» se seguiram: Novos sucessos se repetiram. O nosso cantor foi o melhor presente que nos poderia ter sido enviado da terra distante. A sua voz está conosco e percorre esta longa planície de areia num halo de saudade. O pracinha agora, no interior de sua barraca, com calor de dia e com frio de noite, abraça-se ao duro travesseiro de palha, cantarola baixinho os versos de «Nos braços de Isabel» e adormece tranqüilo sonhando com a terra querida e com os amôres que deixou por lá...

Fizeram as pazes com o barbeiro os atores Wilson Viana e Eugênio Carlos, que se encontravam na ilha das Onças, em Belém do Pará, tomando parte na película norte-americana, em cinemascopo e tecnicolorida, «The Amazons».

Brigas memoráveis aconteceram no Copa e no Sacha's, durante as festividades ao Presidente de Portugal, com casaca e tudo. No Sacha's, até hoje se procuram condecorações perdidas no calor da refrega.



WILSON VIANA & EUGÊNIO CARLOS
Nós já estivemos assim



SÍLVIO CALDAS
E eu assim...

A NOITE DE ONTEM NA NOITE VADIA



VIRGINIA LANE
1942



MARA RÚBIA
1944



ALDA GARRIDO
1945



LINDA BATISTA
1948



ARACI DE ALMEIDA — uma reserva da nossa boa música popular — responde PÃO, PÃO — QUEIJO, QUEIJO

OS "CHATOS" SE DIVIDEM EM TRÊS CATEGORIAS:
"CHATO" DE GALOCHAS — É O MAIS BRANDO,
"CHATO" DOURADO — É O "CHATO GRA-FINO",
PANARÍCIO — É O MAIS "CHATO" DOS "CHATOS"

Pão ! Você está feliz, Araça, com a vida que Deus lhe deu?

QUEIJO — Pois se foi dada por Deus, estou satisfeitiíssima.

Pão — E com que o samba lhe tem dado?

QUEIJO — Sim. Tudo o que tenho foi o samba que me deu.

Pão — Você teria coragem de cantar um desses chamados «sambas modernos»?

QUEIJO — Tudo é samba!

Pão — Você concorda com o Ari Barroso, quando ele diz que não existe samba do bom sem teleco-teco?

QUEIJO — Nem tanto, mas com teleco-teco é mais gostoso.

Pão — Na polêmica sobre a pretensa desonestidade autoral de Noel Rosa, você está com o Flávio Cavalcanti ou com o Almirante?

QUEIJO — Noel nunca foi desonesto. Logo, nozes-fora, Almirante.

Pão — Qual a sua última jíria e o que quer dizer?

QUEIJO — Quem foi que disse que eu uso jíria?

Pão — Você gosta de cantar em «boite», rádio ou televisão?

QUEIJO — É quem foi que disse que eu gosto de cantar?

Pão — Em que se resume a teoria da boca-livre?

QUEIJO — Em comer e beber às custas do alheio.

Pão — Cite três pessoas «chatas».

QUEIJO — É muito difícil selecionar três entre tantos que por aí existem, sem o perigo de causar injustiça. A título de ilustração, citarei as três categorias em que eles se enquadram: 1º) «Chato» de galochas — é o mais brando.

2º) «Chato» dourado — é o «chato» grã-fino.
3º) O panarício — que é o mais chato dos «chatos».

Pão — E três pessoas adoráveis:

QUEIJO — Antônio Maria, Antônio Maria, Antônio Maria!

Pão — Você é fã do Elvis Presley?

QUEIJO — Quem é «essa»?

Pão — Se tivesse que escolher entre o Rio e São Paulo, você iria para Maracangalha ou para Brasília?

QUEIJO — Para a China.

Pão — Você sente saudades do Vogue?

QUEIJO — Milhões!

Pão — Que mais a aborrece quando está cantando?

QUEIJO — O estar cantando.

Pão — Você se sente desafogada quando diz um palavrão?

QUEIJO — P'ra desafogar, um não chega. Dois...

Pão — Durante a sua longa carreira artística, que fato mais a impressionou?

QUEIJO — O «longa».

Pão — Você dorme de «baby doll»?

QUEIJO — Que diabo é isso?

Pão — Quem você gostaria de mandar para Marte, só com passagem de ida?

QUEIJO — Deixa isso p'ra lá.

Pão — Para cantar no rádio, atualmente, uma cantora precisa ter voz?

QUEIJO — Na garganta, não.

Pão — Então, termine dizendo o seguinte: quem nasceu para Cauby Peixoto chegará um dia a Sílvia Caldas?

QUEIJO — Você conhece, Mister, aquele bolero «Nunca Jamás...»? I então?...

A ARARA TOPOU

...saber que Silveira Sampaio, o nosso melhor produtor de espetáculos musicados, se prepara para voltar ao teatro da madrugada, apresentando um «show» na reabertura tão esperada — e mais anunciada — da «boite» Beguin. A «Noite Vadia», caso cheguem a bom termo as negociações entre o produtor e Pierre Daninos (o «show» será baseado em «Os Cadernos do Major Thompson») está de parabéns com a presença da inteligência de Silveira Sampaio. Se a Arara ainda estivesse em atividade artística, aceitaria ser a vedeta desse espetáculo, pois sempre desejou trabalhar com S. S.



A ARARA CHUTOU

Nunca a bichinha notável ouviu tanta barbaridade, tanta besteira, tanto enche-linguça como na transmissão feita pela Emissora Continental da eleição de Miss Distrito Federal. Nem nos tempos em que a Arara era vedeta de «Banzo-Aiê». Só se salvou o Ronaldo Atílio (apesar da torcida). Um tal de Paulo Caringe, principalmente, devia ser proibido de ocupar qualquer microfone, antes de passar por um curso intensivo de alfabetização para adultos. Desde aquela noite, em que a Arara preferiu acompanhar pelo rádio o desenrolar do pleito, a bichinha passou a compreender melhor o Ibrahim Sued. Viva o Ibrahim, ora pois!





CRAVEIRO LOPES NO JOCKEY C

COMO parte integrante do programa de festejos ao Presidente de Portugal, o Jockey Club Brasileiro recepcionou, na tarde do dia 9, o general Craveiro Lopes e sua comitiva. O prado da Gávea viveu, naquele domingo, um dos seus dias de maior esplendor, já tão freqüentes na crônica mundana da cidade. A beleza sem par do majestoso hipódromo, com suas dependências inteiramente lotadas, casava-se o entusiasmo contagiante da enorme assistência, a elegância das mulheres e o aprumo dos homens que, nos seus trajes de cerimônia, davam à tribuna de honra o ar de refinamento das grandes ocasiões. Toda a afficcion ali se reuniu para homenagear tão gratos visitantes, tributando-lhes uma acolhida das mais calorosas.

A sua chegada ao Hipódromo, Brasileiro, onde

era aguardado por toda a diretoria da sociedade carreirista, o general Craveiro Lopes, que estava acompanhado do Presidente da República, foi vivamente aplaudido. Conduzidos à tribuna, novamente se fizeram ouvir ruidosas aclamações. Foi então servido o banquete no Salão das Rosas. À mesa, delicadamente ornamentada com orquídeas, sentaram-se os dois Chefes de Estado e suas espôsas, o presidente do Jockey Club, sr. Mário de Azevedo Ribeiro e espôsa, membros da comitiva do homenageado e altas figuras do governo brasileiro e suas espôsas. Ao «champagne», o sr. Mário de Azevedo Ribeiro saudou o Presidente Craveiro Lopes. Teceu o orador um hino de louvor a Portugal e ao gênio criador do seu povo, agradecendo a honra inexcédível que era para o Jockey Club receber tão eminente chefe de

Estado e render-lhe e à sua nobre Nação as demonstrações do mais elevado aprêço. Agradeceu também a presença do Presidente da República e levantou a taça pela glória eterna de Portugal. Em vibrante improviso, o general Craveiro Lopes fez o agradecimento da homenagem que lhe era prestada por aquela sociedade de elite, em cuja companhia muito se honrava, levantando a taça pela crescente grandeza do Brasil.

Reconduzidos à tribuna de honra do Hipódromo, os dois presidentes, suas espôsas e demais convidados assistiram o desenrolar de algumas provas do programa, que teve como nota de relêvo a disputa do Grande Prêmio «General Craveiro Lopes», corrido na distância de 2.400 metros e com a dotação de 300



O presidente do Jockey Club, sr. Mário de Azevedo Ribeiro, saudando o Presidente de Portugal. O orador está ladeado pelas senhoras Craveiro Lopes e Mário Figueiredo. À direita, o Presidente Craveiro Lopes discursa, agradecendo. À sua direita, a senhora Sara Lemos Kubitschek e o ministro Paulo Cunha. À sua esquerda, a senhora Mário Ribeiro.



O MUNDO TURFISTA TRIBUTOU AO HÓSPEDE ILUSTRE EX-
CEPCIONAL ACOLHIDA ★ BANQUETE NO SALÃO DAS ROSAS
★ O GRANDE PRÊMIO "GENERAL CRAVEIRO LOPES" ★ TARDE
DE GALA INTERNACIONAL NO HIPÓDROMO BRASILEIRO

Reportagem de ADALBERTO MENDES

Fotos de ARNALDO VIEIRA

O Presidente Craveiro Lopes recebeu, no Hipódromo Brasileiro, grandiosa consagração popular. S. Exa. está acompanhado do Presidente Juscelino Kubitschek, das sras. Sara Kubitschek e Berta Craveiro Lopes, do sr. Mário de Azevedo Ribeiro, do gal. Nelson de Melo e convidados.



Os Presidentes de Portugal e do Brasil na tribuna de honra do Hipódromo, em companhia das sras. Craveiro Lopes, Juscelino Kubitschek e Paulo Cunha, e do brigadeiro Armando Trompowsky.

Y CLUB

mil cruzeiros, no qual se sagrou o cavalo «Rocket», pilotado pelo jóquei Osvaldo Ulloa, levando assim para as côres do Stud L. de Paula Machado os lauréis dessa importante prova clássica. Ao retirar-se do Hipódromo, o presidente Craveiro Lopes recebeu estrondosa ovação das tribunas sociais, que se repetiu em proporções cada vez maiores ao sair S. Exa. em carro aberto, pela pista, em toda a extensão das arquibancadas do Prado. Uma verdadeira consagração teve então lugar no imponente campo de corridas da Praça Santos Dumont, onde acabava de ser realizada uma festa de singular expressão internacional, que ficará nos fastos do Jockey Club Brasileiro como um dos mais assinalados acontecimentos sociais-esportivos da sua história.



Um instante na tribuna de honra, onde aparecem o presidente Craveiro Lopes, a sra. Sara Kubitschek, o casal Mário de Azevedo Ribeiro, o ministro Luiz Gallotti e outras pessoas. À direita: Aspecto parcial do banquete realizado no Salão das Rosas, acontecimento social do mais alto estilo.

PELAS CARTAS SE CONHECE O GIGANTE!

Esta é uma verdade documentada :



- **MAIS DE 1.000 MUNICÍPIOS** - representando 10 MILHÕES de ouvintes, deram esta resposta :

**“Ouvimos a RÁDIO RECORD perfeitamente.
É a Emissora mais ouvida nesta localidade.”**

- 10 MILHÕES de pessoas, em todo o Brasil, aguardam a mensagem de propaganda de seu produto, que pode conquistar novos mercados, novos fregueses, clientes novos, ligados que estão à

RÁDIO RECORD - Emissora de cobertura nacional
50.000 Watts - Ondas curtas de 19, 25, 31 e 49 mts.



RÁDIO RECORD
PRB 9
a Maior

* AS cartas recebidas estão à disposição dos interessados nos escritórios da RÁDIO RECORD — Quintino Bocaiuva, 22 — SÃO PAULO.

SOCIEDADE

Por JEFF THOMAS

As primas Astridinha e Beatrizinha Monteiro de Carvalho fizeram sucesso no Itamarati e nas Laranjeiras. A menina Astrid (16 anos), bonita e bem lançada, dominou o jovem society.



BRÔTO DE 16 ANOS FAZ
SENSAÇÃO NO ITAMARATI



Um aspecto dos elegantes salões das Laranjeiras onde o Presidente e senhora Craveiro Lopes aconteceram com uma deslumbrante recepção.

O embaixador Marques Lanza D'Ajeta com a senhora Leda Galliez. A embaixatriz aparece de costas.



O presidente do Country Club e senhora conversam com o sr. Ricardo Jafet.



POMPOSA RECEPÇÃO

DE uniformes, casacas e condecorações aconteceu a recepção do Presidente de Portugal e Senhora Berta Craveiro Lopes ao Presidente e Senhora Sara Kubitschek de Oliveira, na "Soirée" do dia 12, no Palácio das Laranjeiras. Vou começar contando que todos os "estados-maiores" da política, do "society", da diplomacia e finanças compareceram em grande estilo prestigiando essa promoção de nossos visitantes. Nessa noite vi transitar pelos salões do antigo parque Eduardo Guinle as mulheres mais belas, mais fascinantes e mais elegantes do Brasil. Homens elegantes envergando casacas e condecorações também aconteceram. Dêsse importante acontecimento social contarei para vocês em "flashes", o que observei: § Vou começar dizendo que nessa noite o Presidente e Senhora Craveiro Lopes, acompanhados de comitiva, se despediam do Rio, para, no dia seguinte, iniciarem uma peregrinação através de vários Estados do país. § O serviço esteve perfeito, o "buffet" bem servido e o "whisky" e a champanhota circularam muito pelos salões. § Agora, tenho uma surpresa-lançamento: a bonita loura Astrid Monteiro de Carvalho, ainda com 16 anos, foi a que mais sucesso fez entre o jovem "high-society". § Entre as poucas paulistas que estiveram presentes vou citar a senhora Marilu Penteado Novais Pinto; Marilu vestia um modelo de Givenchy muito

"suspense" e estava extremamente fascinante. § Uma coisa que me surpreendeu foi a pontualidade britânica dos convidados; o convite marcava 23 horas, e, nessa hora, os salões já estavam devidamente lotados. § Notei que o vestido amarelo usado pela senhora Gilda Sarmanho não lhe ficou bem; a senhora Sarmanho não estava feliz em matéria de elegância. Isso acontece! § Foram várias as pessoas que me chamaram a atenção para as condecorações que o Embaixador Décio Moura usava; o Secretário Geral do Itamarati é um dos diplomatas de maior categoria do Brasil. § O assunto feminino dessa "Soirée-Snob" foi a beleza da senhora Ministro Paulo Cunha; todos os olhares se voltavam para ela; sobre a senhora em questão já escrevi que não há mulher mais fascinante em Portugal. § Os dois Presidentes, democraticamente, circularam entre os convidados, acompanhados de suas senhoras. § Todos os Embaixadores acreditados no Brasil, compareceram; entre os mais em evidência, estavam: o de Portugal, Itália e Inglaterra.

E aqui, sistematicamente, encerro essa minha reportagem sobre a recepção do Presidente Craveiro Lopes no Palácio das Laranjeiras.

Até a próxima.



A bonita e fascinante senhora Nelly Maluf Jafet conversa com amigas.



Jeff Thomas com a loura e fascinante jovem Astrid Monteiro de Carvalho.

O DE CRAVEIRO LOPES A JUSCELINO NAS LARANJEIRAS



O sr. Jorge Chamma, a srta. Gilda Chamma e o colunista num dos salões do Palácio das Laranjeiras.



Os senhores Joaquim Xavier da Silveira e Ricardo Jafet conversavam certamente «business».

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



» Rossana Spissu (foto à esquerda) rapidamente se transformou num personagem famoso ao salvar a vida de Giuseppe Montesi (ao alto). Ela é irmã da noiva de Montesi e na noite do crime estava no apartamento do noivo de sua irmã. Essa afirmação (longamente escondida) e ansiosamente esperada, veio a se tornar na única saída para Montesi. Não fôra essa declaração de sua jovem amiga e provavelmente a estas horas ele teria sido executado e talvez consumado mais uma vez, um grande êrro judiciário.



A ÚLTIMA DESCOBERTA DO CINEMA ITALIANO

Esta jovem (é preciso dizer que é lindíssima?) é a última descoberta do cinema italiano. Inteiramente fora da linha das Lollobrigidas e Lorens. Foi «inventada» por Vittorio De Sica e seu nome é Lorella De Luca. Tem 19 anos e aparecerá dentro em breve no seu primeiro filme.

(CONTINUA) ➔

MUNDO DE DEUS

MARILYN DANÇA (e beija seu marido) PARA TRINTA MILHÕES DE AMERICANOS

Os trinta milhões de espectadores da cadeia de televisão da N.B.C. ganharam um espetáculo extra, por ocasião da transmissão do baile de benefício promovido por Elza Maxwell. O espetáculo foi apenas o beijo (foto) que Marilyn (sensualmente) deu no seu (também) famoso marido Arthur Miller. Depois da transmissão os 168 telefones da estação televisora não pararam. Os espectadores se dividiram: uns, indignados, condenavam a estação, outros, entusiasmados, enviavam parabéns. Mas o importante é que trinta milhões de americanos assistiram a demonstração de carinho do (talvez) mais famoso e discutido casal americano do momento.



Marilyn e Artur Miller foram a grande atração do baile de caridade promovido por Elza Maxwell. Dançaram, brincaram, se divertiram e deram demonstrações de carinho (fotos) mesmo diante das cameras de televisão.





» Sofia Loren com Derlbert Mann. O filme de estréia da Loren foi extraído de uma comédia de O'Neill, cenarizada por Irvin Shaw. Segundo alguns, depois de sua experiência, americana, Loren se dedicará à produção.



» Anthony Perkins (que já trabalhou com Silvana Mangano) será o galã de Sofia no seu primeiro filme americano. Aparecerá nesse filme uma nova descoberta, Burl Ives, que se destacou na Broadway interpretando Tennessee Williams.

HOLLYWOOD SE ENTUSIASMA POR SOFIA LOREN



» Entre os artistas famosos que foram imediatamente comprometidos a Loren, estava o veterano e simpático Charles Ceburn.

» Sofia Loren e Cary Grant conversam numa recepção especialmente organizada para mostrar a estrela italiana a Hollywood. Cary Grant será o galã de Loren no seu segundo filme americano. Título: «Houseboat».

NO CONCURSO DE MISS DISTRITO FEDERAL



No júri de 12 pessoas, para escolha de «Miss Distrito Federal», só havia duas representantes femininas. O Prefeito, impossibilitado de com

SURPRESA NO RESULTADO ★ DERROTADAS MARIA DE LOURDES E MARIA HELENA GIOIA ★ BONITA, INTELIGENTE, EDUCADA, E COMO VEM ACONTECENDO ÚLTIMAMENTE, CANDIDATA DO CAIÇARAS ★ ELOIZA NÃO ACREDITAVA NA VITÓRIA



Maria Helena Gioia, candidata lançada pelo Fluminense, à última hora, ao desfilar, em maiô, conquistou a assistência de 5 mil pessoas do Maracanã. Ela mesma, confiante em seus óbvios atributos, contava com a vitória. À direita: Maria de Lourdes Monteiro, com lugar permanente «à mesa de pista» do bom «Fats», Maria, era considerada a «grande barbada» do «Miss D. F.». Ao desfilar em vestido de baile, foi, sem dúvida, a mais aplaudida. Ao voltar, porém, em maiô, decepcionou totalmente.

AS FAVORITAS FORAM DERROTADAS



com parecer enviou o secretário



As cinco primeiras colocadas. Maria de Lourdes Monteiro (no meio) parece, realmente, a mais bonita. Mas o júri não decidiu assim.

ADAS E ELOÍSA MENEZES GANHOU ▶



MISS DISTRITO FEDERAL

A NOVA «MISS» — A jovem aclamada «Miss D. F.» no Maracanã-mirim é filha do coronel Elói Menezes, consagrado às do hipismo brasileiro, e de d. Edna Oliveira de Menezes. Eloísa está com 20 primaveras e atingirá a maioridade no próximo 28 de outubro. Antiga sócia do Caiçaras, é professora de ballet do clube e cursa presentemente o 2º ano clássico. Lançada candidata sem grandes alardes, não acreditava na vitória até o último instante. E nunca acreditou menos do que pouco antes do desfile, que deveria encabeçar, quando rasgou o vestido e a combinação em um prego no camarim. Mas antes de dormir a sua primeira noite com a faixa de «Miss D. F.» passou um telegrama aos pais, em excursão turística pela Europa, comunicando o feito. E, como boa filha de um campeão de hipismo, Eloísa sabe que o mais difícil para se ultrapassar todos os obstáculos, sem falhas, consiste, precisamente, em vencer o primeiro. Para tanto, ela se apresenta com as seguintes credenciais: 1,65m de altura; 57,5 quilos de peso; 0,86m de busto; 0,64m de cintura; e 0,97m de quadris. E, o que é mais importante, a súbita confiança que lhe transmitiu a vitória sobre candidatas fortíssimas.

Reportagem de HAROLDO DAMASIO

«Vocês não acham o bastante eu ter conquistado o título de «Miss Distrito Federal»? — exclamou Eloísa Oliveira de Menezes, logo depois de obter esta justa consagração à sua beleza, quando os repórteres procuraram conhecer a sua disposição de ânimo para a disputa do cetro de «Miss Brasil», contra 18 candidatas estaduais.

Feliz como se apenas em sonho houvesse trocado a sua faixa de «Miss Caiçaras» pela de mais bela carioca, Eloísa não escondia a surpresa. Surpresa dela e do público que lotava o Maracanãzinho (5 mil pessoas), dividido entre a loura Maria de Lourdes Monteiro, «Miss Clube de Aeronáutica» e ex-Rainha da Primavera, e a morena Maria Helena Gioia, lançada à última hora como candidata do Fluminense. Hesitando entre a loura e a morena, o júri decidiu por Eloísa.

CORRIGINDO UM EQUIVOCO

A Comissão Organizadora do Concurso «Miss Brasil» resolveu, por fim, corrigir um equívoco de vários anos, transferindo a eleição da mais bela carioca, do Quitandinha para o Distrito Federal. Certame de beleza, em Londres, Paris, Califórnia ou Jacarta, é festa do povo. Marta Rocha, por exemplo, recebeu a coroa de «Miss Brasil» numa festa grã-fina, mas foi o povo que a consagrou. Se os juizes acertam na escolha, o público a ratifica; se erram, não toma conhecimento. Como até hoje só se acertou em cheio com a baiana, Marta (em concurso promovido pelo «Diário Carioca»), é a única até hoje aclamada universalmente como «Miss Brasil». Por outro lado, a festa do Maracanãzinho, pode-se afirmar com segurança, foi a mais bem organizada que já tivemos, provando que o Quitandinha é o último lugar do mundo que se indicaria para este torneio de beleza.

UMA ALEGRIA, VÁRIAS DECEPÇÕES

As 16 candidatas ao título de soberana da beleza carioca desfilaram sobre uma passarela em forma de ferradura armada no Maracanãzinho, bem iluminado e decorado com pior gosto do que a cidade nos tempos

de A. Pessoa no Turismo Municipal. A arquibancada foi invadida pelo povo. Muita gente com binóculo. No salão, um público encasacado derramava-se pelas mesas, oferecendo ou lançando rosas às candidatas, com maior ou menor ardor de atração, dependendo da distância. Ao todo, umas 5 mil pessoas.

Em matéria de horário continuamos brasileiros. Marcado o início do desfile para as 21 horas, só começou depois das 22, quando se ensaiava um protesto geral. Primeiro as 16 concorrentes se apresentaram em um grupo único. A seguir houve o desfile individual, em vestido de noite. As mais aplaudidas foram Maria de Lourdes Monteiro e Helena Gioia. Ao voltarem em maiô, o público se decepcionou um pouco com Maria de Lourdes Monteiro. A menina anda muito nervosa com as provas parciais e perdeu mais peso do que mesmo a sua sólida plástico poderia suportar. Maria Helena Gioia, porém, obteve quase a totalidade dos aplausos. O júri, composto por jornalistas, escultores, patrocinadores e «connoisseurs», retirou-se a fim de proceder a votação e teve início a apresentação das 18 candidatas estaduais. A mais aplaudida deste grupo foi «Miss Ceará».

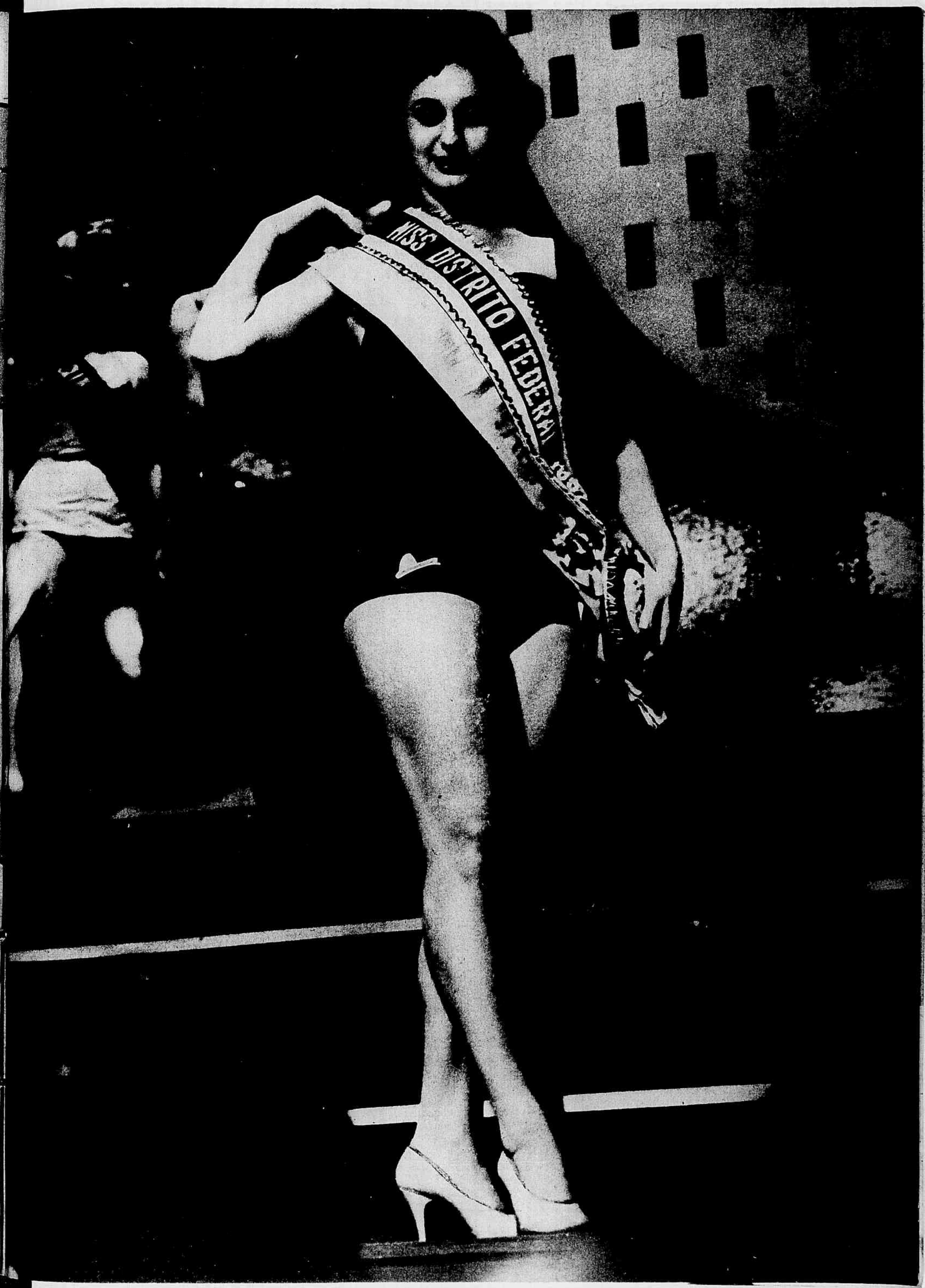
Passava de meia-noite quando as jovens foram introduzidas no palco. Estava preparado o clima para a apoteose. Através de um alto-falante roufenho o locutor começou a arrolar as cinco primeiro colocadas: 5º) Shirley Velasco, «Miss Associação Atlética Portuguesa»; 4º) Norma Leitão, «Miss D. A. da Escola de Belas Artes»; 3º) Maria de Lourdes Monteiro, «Miss Clube de Aeronáutica»; 2º) Maria Helena Gioia, «Miss Fluminense Futebol Clube»; e 1º) Eloísa Oliveira de Menezes. Uma alegria, a da vencedora, e tantas decepções quantas foram as vencidas. Entre Maria de Lourdes e Maria Helena, porém, seria difícil precisar quem sofreu decepção maior. O público, comprometido apenas com a beleza, desta vez não apupou a decisão do júri (correta porque a eleita, das 16 candidatas, é a que possui medidas que mais se aproximam do padrão internacional de «Long Beach»), mas preferia ver como escolhida a Gioia, com quem a natureza foi mais generosa em formas do que com a vencedora. Eloísa Menezes não atendeu ao chamado e teve de ser conduzida pela mão até o palco, onde recebeu a faixa de mais bela carioca de sua antecessora, Leda B. Rau, que parecia mais triste e decepcionada que todas as candidatas derrotadas.

na
ra
no
ca
do
co
to
ca
a,
te
a-
e-
e
du

lo
lo
s,
lo

lo
n-
m
lo
ca
m
as
co
li-
o-
e
u-

o.
te
s:
co
es
es
ca
n-
til
as
te
o-
er
m
a-
eu
te
s.



HELIO FERNANDES apresenta

FATOS E RUMORES

Procura-se um Presidente. Gratifica-se bem a quem encontrá-lo. Foi visto a última vez na residência do Senador Artur Bernardes, de passagem. Já morou nas Laranjeiras, vai às vezes ao Catete mas sua paixão mesmo é a aviação. Vive sempre nos ares, não tem nenhum sentido de fixação e adora ser adulado. É magro, simples até a leviandade, alto, elegante, com mais jeito de dandy do que de estadista. Alguns dizem que está em Brasília, mas a Agência Nacional diz que ele foi visto em Minas. Fala com muita facilidade, nunca se emociona, tem uma gargalhada fácil, e atende por vários apelidos, inclusive por duas iniciais que se juntam formando um nome. Pensa que é mais bonito que Robert Taylor, mais elegante que o Didu, mais agressivo que James Cagney, mais simpático que Bing Crosby, mais inteligente do que qualquer um e mais genial do que Leonardo Da Vinci. Alguns dizem que ele desapareceu para não fazer a reforma cambial. Procurem-no com urgência. Mas se não for encontrado não faz mal. Até que o povo brasileiro respirará aliviado. Pois vai ser difícil suportá-lo mais 3 anos e meio.

Os famosos «troleibus» (ônibus elétricos) que viriam aliviar o problema do tráfego estão na iminência de trafegar apenas no papel. O Tribunal de Contas está inclinado a não registrar o contrato assinado com a firma vencedora da concorrência, alegando que não há coincidência entre o trajeto aprovado na lei e o trajeto constante do contrato. A propósito: o Tribunal de Contas do Distrito acaba de comprar um automóvel para cada Ministro, além de colocar permanentemente dois motoristas à disposição de cada um deles. É o único Tribunal do Brasil que goza de tal privilégio.

O Sr. Eurico de Souza Gomes deixou uma fortuna avaliada em 40 milhões de cruzeiros.

O inquérito mandado fazer em Roma sobre irregularidades no Serviço de Imigrantes, chegou ao Brasil, com o parecer do Cônsul Azeredo Silveira. As conclusões deixam o Sr. Vasco Pezzi (autor da denúncia) em magnífica situação. Ficam muito mal: o Sr. Paulo Almeida, o Sr. Fernando Alencar Ramos (pela irresponsabilidade com que agiu) e o Sr. Juscelino Kubitschek (pela leviandade de demitir um homem que ocupava um cargo de confiança sem ao menos notificá-lo). O inquérito está sendo mantido em segredo pois ninguém sabe o que fazer com ele.

A chegada da Embaixatriz Nininha Leitão da Cunha foi uma parada de elegância. Apesar da hora matinal (9 da madrugada) lá estavam: a Princesa D. Fátima, Ivone Lopes, a Condessa Modesto Leal, Marilena Uchoa, Lourdes Heiborn, Josefina Jordan, e muitos outros personagens assíduos das colunas sociais. Diga-se que a Embaixatriz voltou com excelente aspecto, ainda mais bonita, o que chega a parecer impossível.

Comenta-se que apesar dos esforços do Sr. Roberto Marinho, o Sr. Geraldo Rocha está irredutível: não quer negociar o «Mundo Ilustrado». O Sr. Geraldo Rocha teria declarado a alguns íntimos: «Eu, não preciso de dinheiro, estou velho, não tenho herdeiros.

Para que vender qualquer coisa? Além do mais possuo 24 fazendas em Brasília».

Uma nova produtora de filmes nacionais será fundada por esses dias. O proprietário (mulher) é um nome muito conhecido nos meios cinematográficos e sociais.

Geraldo Romualdo e Haroldo Damásio estão aprontando o «script» de um documentário de Jean Manzon, para ser exibido em todo o mundo.

O Embaixador Negrão de Lima responderá as acusações da revista «Maquis». A carta está escrita em termos enérgicos e segue uma invariável orientação do prefeito carioca: não deixar nada sem resposta.

Sobre as lojas de «artigos do Dia» (esquina de Avenida com São José) está sendo instalado mais um jornal letreiro de «O Globo». O novo processo permite a divulgação de notícias durante o dia. Nesse rotativo a ser inaugurado brevemente, o único anunciante é a própria «Exposição».

Contrariamente ao que tem sido anunciado, a Sra. Miguel Aleman (Leonora Amar para os brasileiros) não está-se separando do ex-presidente do México. A realidade é que Leonora Amar quer fixar residência no Rio, quer ficar entre os seus, sacrificada que foi, durante anos, longe do convívio dos brasileiros, pelas atividades políticas e industriais de seu marido, no México. Comenta-se (isto é verdade) que Aleman propôs que os dois vivessem na magnífica residência de Beverly Hills, que é próximo dos seus interesses no México, mas Leonora está irredutível na sua decisão de morar no Rio. O que está acontecendo é apenas isto.

Rumores não confirmados: um colunista de grande prestígio mudaria de jornal; um desquite sensacional no society do Rio; novo Ministério, com a saída, inclusive, do Sr. José Maria Alkmin; estréia no jornalismo diário de 3 elementos de prestígio na sociedade; grandes mudanças na representação exterior do Brasil, com a nomeação de dois novos Embaixadores, inteiramente estranhos à carreira; o Sr. Juscelino Kubitschek começaria a governar.

Esta belíssima senhora é Ilka Soares, modelo, estrela do cinema nacional, até há pouco casada com Anselmo Duarte. Desquitada, voltou a circular e tem impressionado a todos com sua beleza excepcional. Está mais suave, mais senhorial, ganhou em personalidade e em classe. É uma séria concorrente à nossa classificação anual das «10 mulheres mais bonitas do Brasil».





OS LIVREIROS HOMENAGEIAM CRAVEIRO LOPES

• Entre as inúmeras homenagens prestadas ao Presidente de Portugal destacou-se a que foi prestada pelos livreiros. No salão do Liceu Literário Português (foto), a Associação Brasileira do Livro (que reúne a maioria dos livreiros do Rio) ofereceu ao Presidente Craveiro Lopes um exemplar de luxo da obra «Relíquias da Bahia». S. Ex^a confessou-se emocionado e sensibilizado com a homenagem dos livreiros cariocas.

**A FIGURA
EM FOCO**

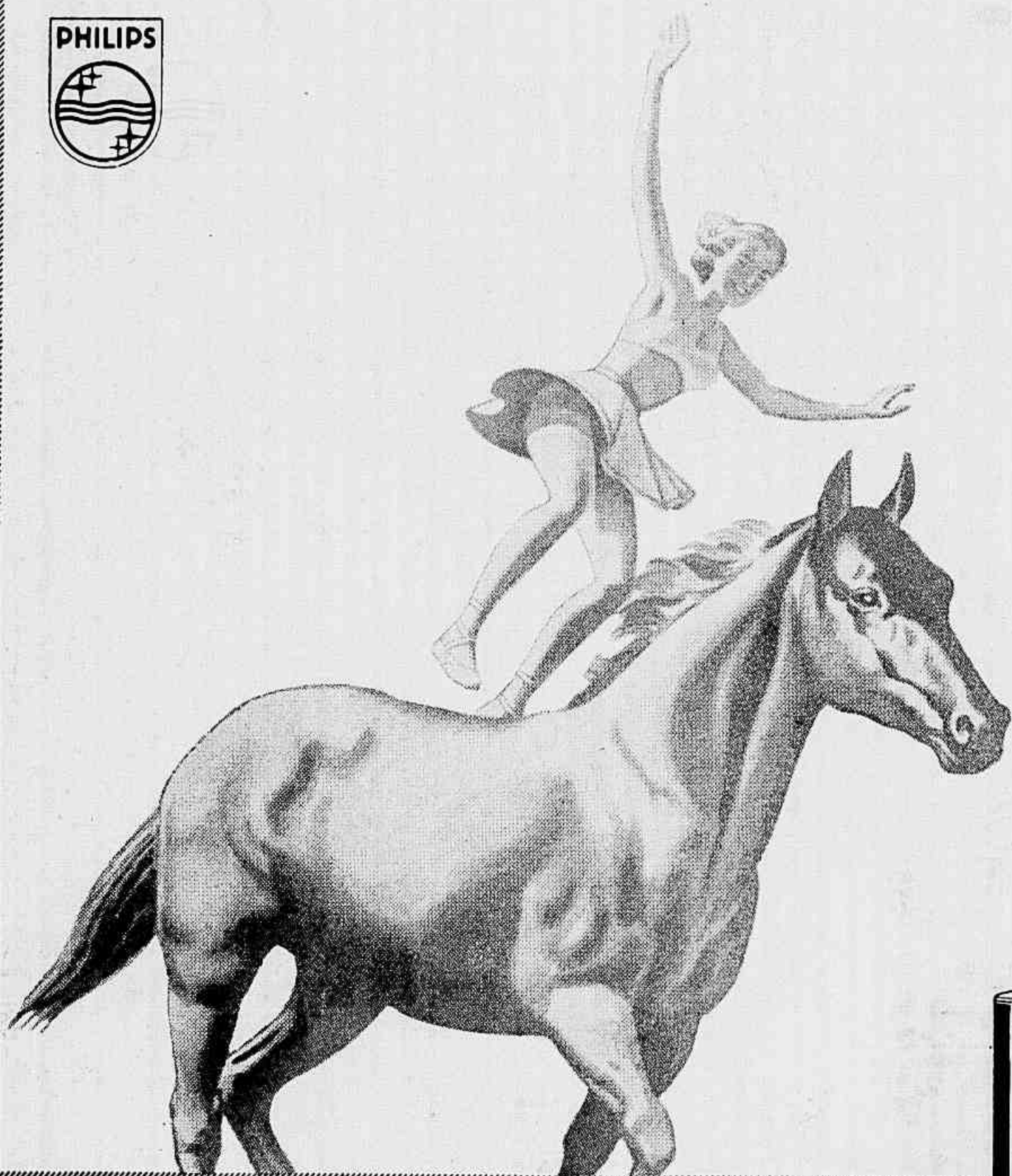


MAYSA MATARAZZO

Inteligente e feliz,
da vida fêz o seu canto,
que o povo escuta e conserva,
pra ter a vida encanto...



**sob
contrôle
absoluto**



Não é surpreendente que V. se admire das imagens tão reais do novo PHILIPS NEWVISION - porque NEWVISION é o mais prodigioso resultado da eletrônica em progresso.

Muitos foram os caminhos para tal realização. Entre inúmeros aperfeiçoamentos técnicos, merecem destaque especial:

- I) novo controle sintonizador automático de ganho, assegurando uma estabilidade excepcional da imagem;
- II) nova sincronização "Fly Wheel" (volante) que mantém a estabilidade da imagem mesmo quando existem condições desfavoráveis;
- III) novo sintonizador de torre, adaptável para transmissões de frequência ultra-elevada;
- IV) sistema "anti-reflexo" que impede a reflexão dos raios luminosos no cinescópio;
- V) novos sistemas de frequência modulada e de som, proporcionando reprodução sonora de realismo inédito.



PHILIPS  **NEWVISION**

o televisor para a alegria da sua família